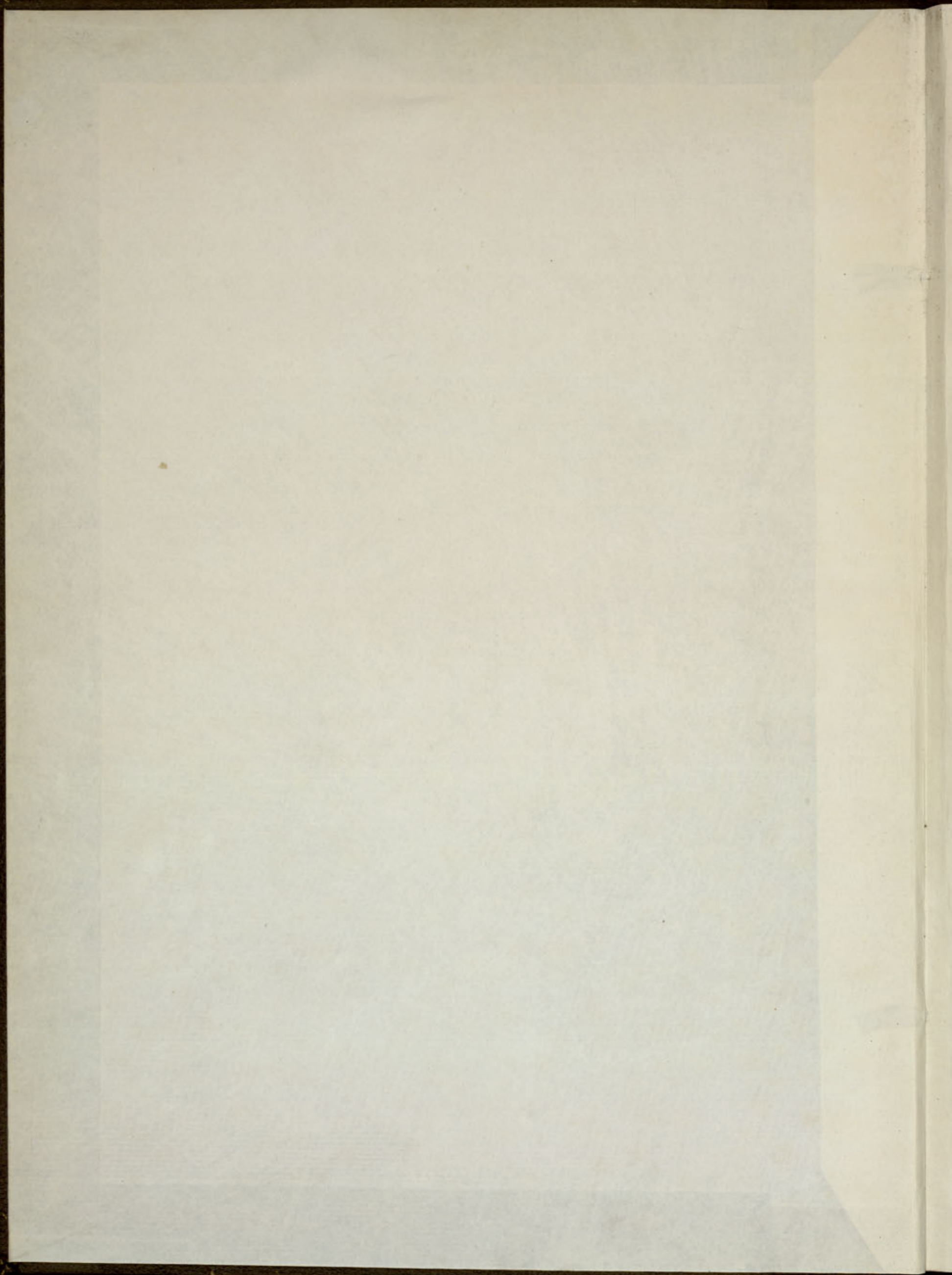


ALTITUDE

—
COIMBRA

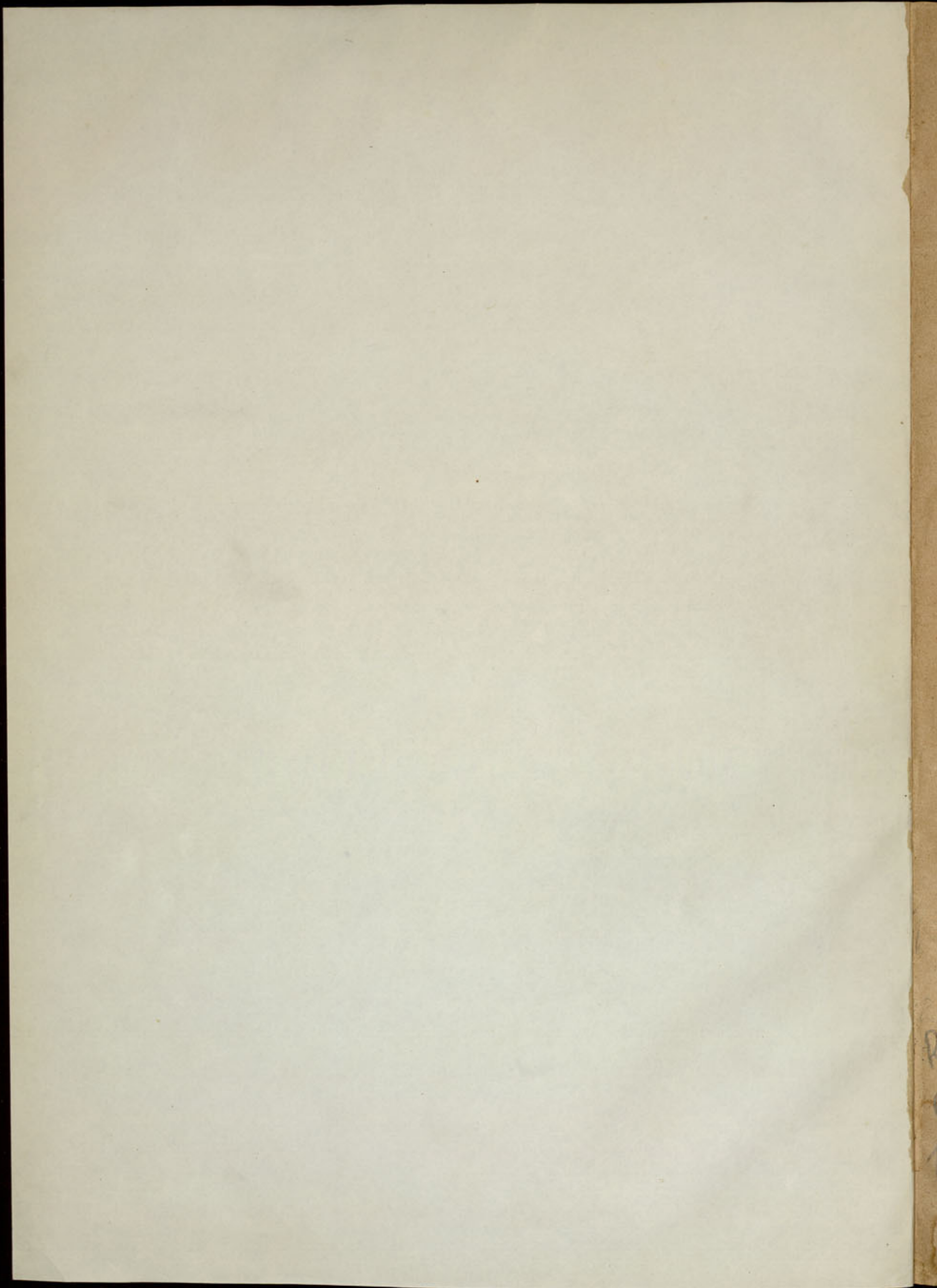
1939



RP

6

17



ATLÂNTIDA

b o l e t i m
d e
l i t e r a t u r a
e
a r t e

NAZARÉ ■ DESENHO DE MÁRIO



EDITOR: Augusto dos Santos Abranches

DIRECÇÃO DE: Coriolano Ferreira, Fernando Namora, João José Cochofel e Joaquim Namorado

1939

1

fevereiro

número avulso 1\$50 ■ assin.: 3 números 4\$00

comp. e imp. na tip. da atlântida

coimbra

rua ferreira borges, 103 a 111

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua do Loureiro, 9

RP
6
17

UMA HISTÓRIA SEM IMPORTÂNCIA

O casamento de Maribel foi um casamento de interesse: João Baptista ennobrecera a sua firma; o pai de Maribel, o Excelentíssimo Senhor Conselheiro Ayres (com y), doirara, com o sabão de Baptista & C.^a, negociante por grosso, o seu braço antigo, herdado, com os dez apelidos, a sífilis e prognatismo ruinoso, de Atabaldo, o mais lendário e duvidoso dos reis godos.

Só ela não teve interesse: João Baptista não tinha decididamente o perfil dum outro *príncipe* arrancado às páginas anémicas dos livros de capa azul, nem os olhos de carneiro-mal-morto dos galãs que das telas dos cinemas embalam os sonhos das damiselas escleróticas: o perfil que se gravara na imaginação de Maribel e se desenhava na tela dos seus anseios.

Foi o prègar quotidiano de D. Dulce de Mendonça... etc... e Ayres: — Que estavam velhos: nunca se sabe o que será o dia de amanhã — hoje até os muros do *palácio* estavam podres e hipotecados. Uma pausa no *crochet* de D. Dulce é: — Que o João não era má figura... e, daí, com o seu futuro e já um bom par de contos, etc., etc...

Maribel ouvia tudo em silêncio, os olhos obstinadamente fixos na renda de bilros que as mãos teciam mecânicamente; até que duas lágrimas espreitando-lhe nos olhos, a bôca em pinta de i — *la bouche en u, cul de pipi* — choramingava: — Oh, mamã!... Como se o coração, o meu coração, não contasse... como se a gente fôsse como os bichos, não tivesse alma! — E as lágrimas desprendiam-se das pestanas longas, em fieira, deslizando mansamente pela face.

D. Dulce chorava também por indução, as lágrimas assomavam-lhe aos olhos como tortulhos, espontâneas; no entanto, sempre arriscava: — Então, filha, não chores, então!... Tanto mimo que tu tens!... É terminando: — A gente, em nova, tem destas maluqueiras, mas em velha arrepende-se... olá, se arrepende!

Maribel fazia biquinho e voltava aos bilros.

Foi uma desgraça que esteve quási a suceder que a veio arrancar *àquele engano de alma lêdo e cego*: a terceira congestão do Conselheiro surpreendendo-o quando digería uma dobrada com feijão, especialidade da mulher do Juiz Alcaide, em casa de quem jantara. Aqueles dias, em que a morte espreitara a respeitável carcassa do Conselheiro, tiveram o condão de mostrar a Maribel que a sua vida era como um barco à deriva, à mercê de Deus.

João Baptista era a *Divina Providência* para o navio sem leme dos Mendonça e Ayres.

Maribel era uma rapariga fina, com a esmerada educação que se herda dos avós, juntamente com a água chilra das veias; uma menina boas-famílias, prendada, com as suas duas linhas de bordado, o *merci* em francês, a «Valsa do Adeus», «o Cochicho» e «La prière d'une vierge» martelados no piano achocalhado. Tudo isto retocado com a literatura tate-bitate da Delly e do Dr. Júlio Dantas, (excepto os folhetins do Comércio do Porto).

João Baptista, o conceituado João Baptista & C.^a da nossa praça, não tinha encaixilhada na sala de visitas uma árvore, plantada em papel amarelecido, com raízes mais fundas do que a nacionalidade, na existência vaga dum rei godo qualquer ou na concubinação duma dona Fulana lá das profundezas dos afonsinos; mas o pai houvera algumas árvores plantadas num palmo de terra, ganho com o suor do rosto e os calos das mãos, para os lados de Arganil. João Baptista veio para a cidade ainda menino. Subiu: de marçano, a pontapé no coccis, passando pelo *simpático* Baptista, do Grémio Recreativo dos Empregados do Comércio, até ao *nosso amigo, honrado e conceituadíssimo comerciante da nossa praça* dos jornais. É hoje uma das *fôrças vivas* nos abaixo-assinados da Associação Comercial.

Não tinha decididamente uma figura de galã, desses da moda, esterlicadinhos, cinéfilos; atarracado, o ventre crescendo ao abandono do cinto desapertado e do arrôto sonoro. Na testa fortemente traçada, baixa, a rigidez do granito, por dentro e por fora.

À Maribel, o francês, o piano, os salamaleques das Baronesas X e a anemia congénita, deram-lhe aquele ar de quem se alimenta de compota e nuvens. Tudo isto e um sonho — um sonho de cabelos negros, olheirento, untado de melancolia como ôlho de peixe fora de água.

Fôra precisamente êste ar de come-nuvens que o prendera — êste pisar de quem não é cá da terra, o sorriso melado da boca desmaiada.

João não conhecia os poetas. Desprezava até êsses livrecos mal cheios de lua e suspiros — tanto papel estragado!... Se os conhecesse saberia que se pode amar Margarida Gauthier, Mimi Pinson, ou qualquer outro sublime tubo de bacilos, mas também que êsse amor não condizia de modo algum com aquele cheiro a bacalhau e a ratos que as lavagens semanais

e as perfumadelas freqüentes não conseguiam dissipar. Infelizmente êle nunca lera Dumas, nem suspirara com Musset!

Desta união, benta pela Santa Madre Igreja, pelas lágrimas profissionais de D. Dulce e pela desafinação da «Marcha nupcial», destas ocasiões, saiu tudo quanto poderia sair: um menino e um casamento infeliz.

Na noite de núpcias, João esforçou-se por demonstrar que era um homem... e conseguiu-o. Meia hora depois dormia.

Maribel, hirta, estendia-se no leito, as mãos abandonadas ao longo do corpo. Os olhos enfiados pela janela, por sobre os telhados da cidade velha, fugiram até à lua, que subia na noite, como um alfange decepando estrêlas... A sua alma dolorida subia, subia... E lá do cimo de tudo, uma luz piedosa debruçava-se sobre o seu sonho quebrado — o seu sonho como um cristal feito em cacos, irremediavelmente feito em cacos. Vão todo o esforço de tentar colar os pedaços uns aos outros: havia sempre um pedaço que faltava, por mais que pusesse e recompusesse. Um pedaço que talvez ficasse perdido num caminho, como uma poça de água que a lua coalhasse. Por fim, dormiu.

De manhã, sentiu que o marido se levantava. Fingiu dormir ainda. Sentiu-o debruçar-se sobre a sua frente e deixar nos cabelos um beijo breve. Pelo olho semi-cerrado, espreitou: Êle usava ceroulas de atilho. [Atenção — aqui está um dos pontos agudos da história: usar ceroulas de atilho é mais do que uma mentalidade, uma filosofia ou uma atitude (as mulheres importam-se lá com estas coisas!); usar ceroulas de atilho é deselegante, ridículo. O desprêso e o egoísmo estão ali estampados: o desprêso por um sentimento estético, o egoísmo na inconsciência de que o próprio ridículo é uma ofensa à sensibilidade dos íntimos. — Não se aceitam reclamações!]

A porta da rua bateu. Ouviu correr os ferrolhos na loja. Era um estranho para ela. Odioso.

Não havia herói de romance que ressonasse de assobio, e os arrôtos aliviantes andam ainda longe dos manuais da propedêutica elegante. — Ê um bruto, pensava Maribel.

A mulher sempre com uns ares de enjoada, não me toques que me desafinas!, debruçada eternamente sobre os bordados ou os livros.

— Raio de mulher! parece que é de vidro, pensava o João.

Maribel chorava.

João rosnavia: — Botões descosidos, não há lenços, não há nada! E desabafava a esbofetear o marçano que deixara o pó cobrir o vidro do mostruário.

Uma tragédia.

O menino nasceu por acaso. Fininho, amarelinho, sumido.

O pai confidenciava-se: — Aquilo é sangue da mãe... sangue de fidalgo. Não presta!

A mãe sabia que êle era filho do Baptista — os mesmos olhos, a mesma testa baixa: incômodo.

A avó dava-lhe doces e mimos.

Mas de quem o menino gostava era da Leocádia, a criada que o embalava nos braços possantes horas e horas, ao compasso dos beijos repetidos e das canções da sua infância.

O Sepúlveda era um safado, falava-se até dumas histórias aborrecidas de assinaturas falsas. Mas por fora não se via: por fora era aquele bom fato de fazenda inglesa e a máscara de italiano em que uns olhos negros punham uma mancha de sonho que a melena caída compunha.

Foi na missa que se viram pela primeira vez.

Eu poderia, se quisesse, romantizar agora um bocadinho; uma coisa dêste género não ficava mal: Sepúlveda esperou-a à saída e quando Maribel estendia os dedos para a pia encontrou a sua mão molhada... Depois era fácil: olhavam-se nos olhos e davam-se completamente neste encontro mudo. Daí por diante era folhetim. Mas não, o que se deu foi o Sepúlveda perguntar ao inseparável Chico Barroso quem era aquela marmanja. (Ê menos poético mas é verdade!).

Um dia Maribel disse que ia a casa da mãe...

— *Senhor Baptista: sua mulher engana-o com o Carlos Sepúlveda, na Rua de A. Garrett, 520* —

Era verdade.

Maribel viveu em Lisboa com o Sepúlveda seis meses de encanto — Por fim, as joias acabaram.

Um chamou-se João Soares Morais e era engenheiro; outro António Castelo; um outro, era estudante de agronomia e chamava-lhe José, depois conhecia-os de vista. Hoje... os nomes não têm significação.

Baptista & C.^a continua prosperando: João encontrou em Leocádia a alma gémea da sua.

D. Dulce cumpriu o seu dever: morreu de desgosto.

O Conselheiro encontrou finalmente uma desculpa para a borracheira quotidiana: esquecer.

O menino faz de anjinho na côrte do céu.

O Sepúlveda foi prêso por política. (Deus escreve direito por linhas tortas).

.....
Você tem razão, esta história é uma história sem importância, mas a vida é assim, feita de pequenas tragédias... História triste dum casamento burguês...

De: *Carroussel*

JOAQUIM NAMORADO

Poema da menina tonta

A menina tonta passa metade do dia
a namorar quem passa pela rua,
que a outra metade fica
p'ra namorar-se no espelho.
A menina tonta tem olhos de retroz preto,
cabelos de linha de bordar,
e a bôca é um pedaço de qualquer tecido vermelho.
A menina tonta tem vestidos de seda
e sapatos de seda.
É tôda fria, fria como a seda,
as olheiras postiças de crepe amarrotado,
as mãos viúvas entre flôres emurchecidas,
caídas da janela,
desfolham pétalas de papel . . .
No passeio em frente estão os namorados
com os olhos cançados de esperar,
com os braços cansados de acenar,
com a bôca cançada de pedir . . .
A menina tonta tem coração sem corda,
a bôca sem desejos,
os olhos sem luz . . .
E os namorados cansados de namorar . . .
Eles não sabem que a menina tonta tem a cabeça cheia de farelos.

Miragem da manhã fria

Ao Sol, entre a folhagem escorrendo água
e o azul encharcando a manhã fria,
a fruta de Pan modulava estrídula.

E na clareira fizeram o bailado.

Cheiro de terra batida subia no azul,
narinhas dilatadas, músculos de aço,
e os seios tamborilando ao passo inquieto.
Feixes de corpos nítidos, tombando
desfeitos de côr entre a folhagem verde.

A fruta de Pan concertava o ritmo.

Era a Vida-plena nos risos claros,
e nas cabeças caídas sôbre as espáduas.

Para lá da manhã fria, nas planícies áridas,
nas ruas tortuosas e nos templos,
a humanidade, vestindo sonhos, rezava . . .

Adormecer

Vai Vida na madrugada fria.

O teu amante fica,
na posse dêste momento que foi teu,
amorfo e sem limites como um anjo;
a cabeça cheia de estrêlas . . .
Fica abraçado a esta poeira que teu pé levantou.
Fica inútil e hirto como um Deus,
desfalecendo na raiva de não poder seguir-te!

MANUEL DA FONSECA

Destino do Poeta

Hei-de cruzar-me em todos os destinos
dos vencidos e dos vencedores:
para que seja a mágua inteiramente minha,
para que seja a alegria inteiramente minha!

Deixa tombar, ó companheiro, sôbre a tua cabeça inocente,
a humilhação dos homens alucinados.
Deixa tuas mãos rasgarem-se de feridas,
para que saibas tu o pavor dos homens,
para que sintas a carícia dos lábios jovens,
sagrando tuas mãos na madrugada fria . . .

Sem o saberdes meu canto estará convosco,
sem o saberdes apagará vosso pranto, companheiros,
— e correrá entre vossas mãos aniquiladas,
invisível, invisível . . .

ANTÓNIO PRADO

Poema para o Brasil

Selva,
eu te vejo mãi de ancas rochosas e de barro,
suspensa em mim, p'ra sempre e duma vez.
Selva,
na noite eterna, o Amazonas grita
êsse milagre que depois me fez.
Selva da Belem do meu nascer
e do bárbaro som da minha voz,
és a angústia e a seiva e tudo o mais
da fôrça hercúlea que não cabe em nós.
Sou espelho embaciado mas sou Raça,
bicho do mato, glorioso e nu.
Selva,
tenho um cheiro de sal e o teu cheiro,
eu — que sou teu filho derradeiro
a receber, na Europa, um beijo cru.

CARLOS DE OLIVEIRA

G L E B A

Jacinta safou a perna dentre as coxas do companheiro. Por momentos esteve de olhos espeterrados nas trevas da pocilga. Depois chamou:

— Job, são horas.

Desceu do catre e enfiou a saia esburacada. Job voltou-se nas palhas. Espreguiçou-se. Suspirou. Por sua vez também êle saltou da enxêrga. As apalpadelas procurou as calças, o casaco — remendos sobrepostos, uns duma côr, outros doutra, uns cosidos, muitos descosidos, pendendo como pequenas bandeiras. O quarto — uma cova escura. E um cheiro violento de estrumes curtidos a subir debaixo, da loja. A subir e a misturar-se com o cheiro não menos violento das roupas da cama que se não via. A respiração do filho enchia a quadra. Saíram à cosinha. Uma claridade incerta, que dir-se-ia vir de muito longe, esgrelhava pelas frestas da porta. Job escancarou-a. Uma friagem subtil, com seu quê de mão que acaricia, lhe beijou a face onde a barba de oito dias, cerrada e dura, lembrava musgo crestado pelo sol. A plenos pulmões absorveu o ar matinal; espreguiçando-se outra vez e espiando o céu ainda semeado de estrêlas, desandou dali. O filho mexia-se na cama. Jacinta foi-lhe aconchegar as mantas pobres. O Toninho agora era senhor único do enxergão dos três. Podia estender-se, mexer-se à vontade. Os corpos dos pais já o não comprimiam de encontro à parede. Respirava mais fundo e tomava conta de todo o catre fazendo estalar as palhas, descobrindo-se. Jacinta subiu-lhe a roupa para o pescoço. Job lançou mão da enxada e da sachola, pô-las ao ombro, pronto a desarvorar. E baixo, para não acordar o pequeno, disse para a mulher que demorava:

— Faz-se tarde, anda embora.

Um à espalda do outro, pés nus, bôcas cerradas, sombras ambulantes no dealbar tranqüilo da manhã, caminharam. O povo ainda recolhido. Ainda de olhos fechados, no quente dos lençóis. Lentamente, uma agora outra após, as estrêlas apagavam-se. Apagavam-se aos poucos, como candeias a que o azeite faltasse. Para as bandas do Calvário, roxos, violetas, vermelhos aguados, iam-se avolumando, transformando. Um pio de ave subiu de qualquer árvore, dos quintais. Uma vaca mugiu, lá para os fundos do povo.

Os dois caminhavam alheios a tudo. Súbito, no alto da ladeira, a tosse fez parar Jacinta. Mãos nos seios, curvada para a frente, arquejava. As lágrimas saltavam-lhe dos olhos, dir-se-ia que tudo o que havia dentro do seu peito lhe ia sair pela bôca. Job encostou-se a uma das cerdeiras que marginavam a estrada. Ela há muito que andava daquêle jeito. De noite acordava com o coração aos pulos, a escorrer suores, suores gelados. E uma falta de ar tão grande, tão angustiosa, que se levantava em camisa e ia para o patim encher os pulmões da aragem fresca que vinha dos campos. No fim dêsses ataques ficava mais branca que as águas do ribeiro e quasi sem fôrças para se mexer. Mais duma vez julgara Job que a companheira estava nas últimas. A alma partia-se-lhe, tinha vontade de soluçar. Lembrava-se do médico. Bem que Jacinta precisava de ir ao médico. D. Celeste, as filhas do senhor Raúl, tôdas as pessoas de teres chamavam o doutor mal uma dôr de cabeça as affigia. A sua Jacinta andava a morrer aos poucos, a emagrecer cada vez mais, aquelas faltas de ar a consumi-la, aquela tosse, que parecia que lhe arrancava as entranhas, a pô-la numa agonia; e tinham de continuar assim, de ficar assim, até que uma moléstia maior a levasse.

Minguava-lhes com que pagar a consulta, com que pagar os medicamentos. D. Celeste, as filhas do senhor Raúl, possuíam de tudo à farta. Eles tinham as sombras dos caminhos, as doenças que nunca largam os infelizes. Má sina a deles.

Chegaram ao campo ainda os passarinhos, que são madrugadores, não achavam na manhã adiantamento bastante para darem começo ao seu dia. Livre do casaco que arrojou para um canto, ao acaso, atirou-se Job ao trabalho com ganas de quem há muito traz o corpo em folga. Entretanto, havia semanas que se erguia antes de os galos anunciarem a aurora, e ali, no agro do Louro, na terra magra que seus músculos e seu suor teriam de desentranhar em frutos, se entregava a um moirejar sem tréguas. A uma luta gloriosa no esforço, magnífica na constância, mas terrível e brutal na ânsia que a todo o custo quer vencer o solo ingrato, o tempo que se escoia, o destino doido e cego. Nas semanas de labuta heróica, enxada vai, enxada vem, o sol a morder as carnes, na gorja uma sêde de areias de deserto, Job endireitava as costas nos instantes curtos das refeições. Horas mais suaves e afitivas que as horas bíblicas do horto das Oliveiras; as sombras chegavam e iam topá-lo dobrado pelos rins, pés enterrados na leiva negra e fumegante, braços sobe e desce, desce e sobe, sem saber já o que fazia, sem saber já ao que andava, o sangue a estuar-lhe nas veias, no crânio um torvelinho de loucura. Caía no catre sem dar acôrdo de si. Sonhos absurdos o pegavam. Não era mais o cavador porfiado que se punha a pé com estrêlas a piscarem no céu alto e ia para a leira cavar, cavar até a noite lhe ir dizer que eram tempos e tempos de recolher. Agora êle era a própria terra, a terra escura e quente que muitas enxadas rasgavam, repartiam em torrões sem fim. E os torrões choravam, cheios de dores, cada um para seu lado. Os pedaços da sua carne choravam. Acordava com o corpo mais dorido do que quando se deitava.

Livre do casaco atirou-se Job à vida. O senhor Louro ameaçara-o de lhe tirar a leira, de a entregar a outro. Era preciso dar-lhe. Levar aquilo para diante. Moirejava com a ideia fixa a roê-lo lá por dentro. Se o ano corresse de feição e Deus o ajudasse pagaria a renda por inteiro, as medidas em atraso. Comporia a vida, talvez. Atirava a enxada com fôrça, as veias dos braços inchadas, os músculos retêsos, capaz de estoirarem. Iam ver o que se chamava tratar dum campo. Afundaria o pôço obra de meia dúzia de palmos. Nem uma erva daninha veriam ali. A respiração acelerava-se-lhe, as coisas em volta perdiam os contornos. O Albano queria o pedaço. O Albano olhava pelas terras melhor que êle. Iam ver. Iam ver. Resfolegava. Na sua frente, a terra, a virar, desdobrava-se, crescia até o infinito. O Albano, o senhor Louro, o senhor Louro, o Albano... As árvores recuavam, aproximavam-se, o cabeça de S. João rodava em tórno de si mesmo, rodava. O coração crescia-lhe no peito, a camisa pegava-se-lhe às costas, os cabelos pingavam-lhe. Precisava dar-lhe... A enxada subia, a enxada descia — anh! anh! Da seiva fresca e morna, morna como ventre de mulher, elevava-se um odor forte de húmus. Se Deus o ajudasse... O Albano... O cansaço penetrava-o até aos ossos. Os ouvidos zumbiam-lhe. Se se deitasse ao comprido na terra e a morderse, e a morderse aos gritos e a chorar até que a morte viesse?

Para as bandas do Calvário, o céu era agora uma

chama. Um melro assobiou num salgueiro, as fôlhas rumorejaram. O azul tomando consistência, profundidade. E asas rufavam no ar em calmaria. No povo tamancavam chancas. Um cão ladrou. Rumores esparsos elevaram-se duma parte e doutra. Para os lados da feira um carro de bois, que se não chegava a ver, passou chiando. Uma rapariga garganteava uma modinha. Job cavava sem ver nada, sem ouvir nada. O sol rebentou de repente, ao rês do sêrro. O verde húmido dos lameiros brilhou, fulgurou pela várzea fora. O cinzento violáceo dos montes adoçou-se. Job cavava insensível ao sol que nascia, à vida que despertava, às côres que luziam. Sua carne sofria. Se se pusesse a gritar e a morder a terra, a morder e a gritar, a gritar!

Jacinta rapava o trevo para o corte que o homem ia abrindo. Rapava o trevo e tossia. Uma tosse sêca. Tosse vinda do fundo duma caverna, cheia de ressonâncias difíceis, que apertavam a alma. Um rasgão na blusa punha-lhe à mostra a camisa encardida, um pedaço de pele murcha. As pálpebras, sem pestanas, mais vermelhas nos rebordos que nunca. Em volta dos olhos, círculos negros. Sangue pisado, atestado de febres, de noites de insônia, de fomes... A sachola pesava arrobadas para os seus braços fracos. Que tinha ela, naquele dia, que mal se sustinha nas pernas? Uma dor aguda andava-lhe nas costas, ora quási sôbre o ombro, ora mais abaixo, junto às cruces, a ferrar, a morder. Era uma dor comprida, fina como agulha de coser roupa, que não sabia onde principiava nem onde acabava. Levava os dedos ao lado esquerdo, às costas, à altura do coração: é aqui. Depois subia-os, pousava-os à beira da omoplata: não, é aqui. E sempre que fazia isto julgava enganar-se, julgava que a dor se mudava, que a agulha comprida e fina se ia enterrar noutra lugar. Na cama, barriga para os caibros, a dor tornava-se mais suave, por vezes desaparecia de todo. Mas então apercebia-se que um calor desconhecido se lhe desenvolvia no interior. Um calor que a ia varando, varando, até se estender por todo o seu corpo. E começava a escorrer água. E o ar era pouco para si. Abria os queixos até não poder mais. Não era uma brasa que estava a acender-se-lhe dentro das costas? Erguia-se e ganhava o patim, ia para sob as estrêlas, com vontade de engulir todo o ar que enchia a noite, que enchia o céu.

Pela meia manhã encostou a sachola à parede, cortou umas folhas de couve e despediu a forjicar o caldo. A forjicar o caldo e a lavar o filho. O Toninho andava na aula. Genoveva comprara-lhe uma cartilha, uma lousa, uma pena com encaixe de lata. Ia ronceiro no aprendizado das letras. O pai espantava-se como aquelas garatujas com pintas e traços falavam melhor que gente. O filho saberia ler. Um grande orgulho, uma coisa muito doce, muito viva, se deramava pelo seu ser.

Jacinta abalou, a mão cheia de couves debaixo do braço. A saia esfarrapada dançando-lhe em tórno das pernas nuas. Um minuto, dois minutos, esteve Job a vê-la ir. A mulher estava gasta. Gasta como uma roupa no fio, como a roupa dêles. Quem a viu e quem a via. Aquela tosse vinda do fundo do peito... Pôs-se a abanar a cabeça. Uma piedade infinita soltou de si, rastejou pela leira, rastejou pelo caminho, foi alcançá-la no cotovelo da estrada. Se ao menos, já que pobres de tudo, lograssem saúde os dois, os três... Um dia, endireitariam a vida. Mas sem saúde que poderiam êles fazer? Os pobres não deviam cair doentes. Os ricos gozavam de dinheiro, tempo para se curarem. Êles, os miseráveis, não tinham coisíssima nenhuma. Deus devia lembrar-se disso, devia pô-los a coberto de percalços tais. Limpou a testa à manga da camisa e voltou a cavar. O ferro liso da enxada, uma fracção de segundo quieto sôbre sua cabeça, lembrava um espelho a reflectir o sol. A seguir, quando descia, semelhava um cutelo a cair de muito alto, a cair com muita fôrça. Job cavava de pupilas fixas no termo da gleba. Queria chegar ao fim nêsse dia. Eram horas de atirar as batatas à terra. Para o senhor Louro, só o Albano é que cultivava um

campo à altura. Veriam. Assim a sorte estivesse de seu lado. Faria daquilo um brinco. Os dois últimos estios haviam corrido sêcos a ponto de os leitos dos regatos ficarem ao léu. Mas nêsse inverno fôra cair água a potes. Os frutos não morreriam à mingua de água. A' cautela afundaria o pôço. Já tinha na loja uma vara nova para o burro. Veriam. De madrugada e ao entardecer, burro à nora, balde cheio, balde despejado, Jacinta entre o batatal, a a encaminhar a levada. Mas Jacinta andava doente. Mal se tinha em pé. E magra de meter mêdo à morte. Estaria já boa para o tempo das regas? Estaria? Necessitavam pagar a renda por inteiro, os doze alqueires em débito. E tratar de melhorar a vida. Pôr a conta da venda em dia, mercar uns farrapitos. O Toninho andava pouco menos que em pelote, êles pareciam uns foragidos da prisão. A cama sem um lençol. Era mesmo de necessidade pôr a vida em ordem. Precisava mexer-se, fazer ir aquilo para diante. Cavava com fúria. Os projectos do futuro a incitá-lo. As esperanças a incitá-lo. Já não sentia os braços, nem os músculos moidos, nem a sêde de todo o seu ser que nenhuma água abafava. Já não sentia a vontade louca de se pôr aos berros, de se pôr aos gritos, de morder a terra. Já não era um homem que cavava: era uma máquina sob pressão, laborando.

Após o jantar, engulido à pressa, Jacinta voltou a acamaradar com o homem. O sol cobria-os de ouro. Mas ouro fundido. Ouro que cresta e queima. O ouro amaldiçoado dos que se matam aos pedaços, para não morrerem à fome, duma vez. Qual dêles o mais distante, lidavam de fronteiras vergadas e olhos vagos, como bois debaixo do jugo. A luz banhava-os em ondas cálidas. E sob o banho de fogo, doloridos, labutavam sem um queixume, sem uma revolta. Rostos abertos, a goiva em toros de carvalho. A tosse de Jacinta andava no ar a dizer coisas ocultas, a pingar sofrimento. Não se lamentava, todavia. Tão pouco se interrogava que justiça obscura a obrigava a vestir-se de farrapos enquanto a D. Celeste, as filhas de Raúl, tôdas as filhas e tôdas as mulheres de endinheirados que pisavam o mundo se vestiam de sêda, de coisas caras e macias. Tão pouco se interrogava por que trazia ela as mãos calejadas da sachola, enquanto as outras viviam na abundância e na preguiça. Nem porque ela passava fome, e se tostava às soalheiras, e andava sob a chuva. Desejava apenas saber que brasa era aquela que trazia nas costas, bem lá dentro, a mortificá-la. Aquela brasa que a queimava, lhe roubava o ar, a lançava numa agonia.

Ia o Sol em dois terços da sua rota, apareceu o Fraga. Nariz virado ao chão. Braços bamboleando como duas coisas mortas. Chegou; esteve um bom pedaço a analisar o serviço feito. No fim:

— Não te tens descuidado.

Job endireitou-se, mediu com um relancear de olhos a terra cavada. Logo, cuspiendo nas mãos:

— Tenho-lhe dado um bocado.

Calaram-se. O Fraga sentado na parede, a ver o genro trabalhar. O Sol incendiando tudo. Jacinta, que alcançara o homem, falou por sua vez:

— A mãe está hoje melhor?

Êle deu aos ombros, fez um trejeito com os lábios, depreciativo:

— Lá ficou com as contas às voltas...

De novo se fecharam em si mesmos. Passou um carro cheio de estrume, depois o carro vazio. Uma rapariga chegara do lameiro do Corga, separara um molho de erva, atar-o, levava-o. E os três sem encontraram uma palavra que dissessem. Job cavava, Jacinta rapava o trevo. O Fraga seguia-os com o olhar. Um olhar muito longinquo. Um olhar que não estava ali. Por fim, Jacinta, encostada ao rabo da sachola, disse numa voz entrecortada, que mal se ouvia:

— Vou descansar um bocadinho, Job. Só um bocadinho. Sinto-me tão cansada...

Ainda tôda tremente, tôda ansiosa, acocorou-se no extremo da leira, aos pés do pai. E sorria para o companheiro. Um sorriso envergonhado, manso, como se estivesse a pedir per-

dão da sua fraqueza, do seu cansaço. O Fraga desceu do muro:

— Roda para casa. Eu cá faço a tua obrigação.

Ela protestou:

— Já te disse, larga. Até me faz bem desenferrujar os braços.

Job fez que sim com a cabeça:

— Vai.

Ficaram os dois na luta com a terra. Vagaroso, vagaroso, o sol tombava na linha do horizonte. Nos campos do Rêgo outros homens cavavam. O vale era cheio de sonoridades. O velho recordava-se de outros dias iguais, quando tinha ainda um corpo despenhado e vigoroso. Quando ainda o rogavam para os trabalhos da lavoura. Agora estava sem préstimo, com uns nervos que pareciam feitos de sebo. Já ninguém se lembrava d'ele. Estava um caco.

Um rapazinho surgiu dos lados da barreira, a correr como se o diabo o perseguisse. Passou, além, na estrada e, sempre desembestado, disse-lhes qualquer coisa que eles não perceberam. Job estendeu o pescoço, gritou-lhe:

— Que é que tu dizes?

O mocinho já ia longe. Mas assim mesmo virou-se para trás, fez gestos desesperados com as mãos erguidas, repetiu ainda quaisquer palavras e seguiu.

— Parece que viu lobos...

O Fraga deitava os bofes pela bôca fora. Endireitou-se a tomar fôlego. Espraiou a vista pelo vale adiante. Espraiou a vista e descortinou, entre duas árvores, o vulto de Raúl. O senhor Raúl. Andava a ver as suas propriedades. A dar ordens. Pela manhã, havia-o encontrado à porta de casa. Há uns tempos que passava por lá todos os dias. Desejos de saber notícias do Julinho. Não se atrevia, porém, a formular a pergunta que lhe queimava o pensamento. Receios de ser intrometido, um quê de oculto a bradar-lhe que cobrasse a razão, que não fôsse tresloucado. Nessa manhã não se contivera: Que tal ia o Julinho? O outro fizera um gesto vago:

— Por lá anda, a arranjar não sei que vida.

Ia a subir as escadeiras. O Fraga deu um passo:

— Senhor Raúl... eu queria pedir-lhe um favor.

— Vamos a ver o que é.

Esteve uns momentos à espera:

— Desembucha...

Mas ele não atinava com a maneira de formular o pedido. Coisa simples de dizer. Mas para ele difícil. Imensamente difícil.

— Vá, então que é...?

Acabou por se abrir:

— Era para lhe mandar recomendações minhas.

Raúl dera uma risada:

— Para isso escusavas de perder um tempão dêsses. Mandarei as tuas recomendações. Gostará de as receber. Queres mais alguma coisa?

Ele pusera-se a coçar o queixo. Depois, como quem se atira duma altura enorme:

— Já agora faça-me o favor por inteiro. Diga-lhe também que por cá ando a magiar na nossa conversa do pinhal.

Houve uma pausa. O outro desceu um degrau, fitou-o a direito, na menina dos olhos:

— Fraga, êle entrovicou-te o juízo. Não há dúvida que entrovicou. Se queres um conselho de amigo, aí vai: não lhe dêes ouvidos. Tem lá umas tintetas aferradas no caco. E julga que com elas endireitará o mundo. Êle e uns lunáticos da sua fôrça. Foge de o escutar. E' meu filho, é bom rapaz. Mas digo-te com o coração nas mãos: a companhia d'ele só faz mal. Trata da tua vidinha e deixa-o lá com as suas manias. O mundo é assim desde que é mundo, e será assim até ao fim.

Parou um instantinho de nada:

— Sempre queres que lhe mande o teu recado?

Ele não hesitou:

— Se lhe não custa, queria.

Agora o senhor Raúl andava além fora, a ver os seus prédios. Os seus... O Julinho dizia que não eram d'ele. Que não eram de ninguém. O pai afirmava que o filho era um lunático. Da aldeia vinham gritos, um chôro estendido. Escutaram. A gritaria aproximava-se, trepava a rampa. Que será, que não será, Job tirou-se de seus cuidados e foi ver. No tôpo da encosta apareceu a Maria Tereza a chorar e a berrar, que abalava tudo. As mãos atadas na cabeça; a filharada agarrada às saias. Henriqueta, uns passos à retaguarda, a acompanhar a mãe nos seus lamentos. Faltava o Sousa. O Sousa andava à caça, com a sua escopeta ferugenta, de carregar pela bôca. Job regressou esbaforido:

— O Casimiro malhou dum pinheiro abaixo. Andava a ganhar o dia na quinta. Nem um aí disse.

Quatro homens desciam a barreira com uma padiola. Sôbre a padiola um corpo.

— Lá vem êle.

E voltou a despedir às carreiras, através dos agros. Das outras leiras outros jornaleiros acorriam. Da Vila da Rua, numa balbúrdia de vozes que se juntam e baralham, as mulheres formavam uma procissão. A padiola foi pousada no pó da estrada. Todos queriam ver o estado em que ficara o Casimiro. Maria Tereza berrava cada vez mais alto, estrebuchava nos braços de duas velhas.

Vendo e pensando, o Fraga arrimou-se à parede. O Casimiro... Estava na fôrça da vida. Só pensava em embarcar. Talvez fôsse melhor para êle. O viver não era para os desherdados. O melhor que lhe podia acontecer era aquilo. Tinham-se acabado as dores, as necessidades. Ir de porta em porta pedir uma esmola, querer um pedaço de pão e não o ter, era pior. Mil vezes pior. Os homens haviam pegado de novo na padiola. O cortejo das mulheres e garotos estendia-se pela estrada abaixo, como um entêrro. Job chegou pálido:

— Tinha a cara numa bola. Um ôlho saltou-lhe.

Pegou na enchada e cavou sem vontade.

— Andava a limpar uns pinheiros. Talvez o doutor dê alguma coisa à mãe.

O Sol escondia-se por detrás do monte.

— Vamos, já hoje não acabo isto. As tripas dão-me voltas, a fôrça abandonou-me.

Bateu o ôlho da enxada numa pedra. Pedacinhos de terra húmida caíram na terra negra, tôda cheirosa de húmus.

— Nem sei para que uma pessoa nasce.

O desastre soltara-lhe a língua. Insistiu:

— Nem sei.

O Fraga voltou às suas ideias de há pouco:

— Foi melhor para êle. Já não sofre mais.

Mas Job não concordou:

— Melhor uma nisga! Eu antes queria andar tôda a vida no duro, cheio de dores, do que morrer. Sabe-se lá o que iremos passar no outro mundo...

Entraram no povoado; ainda sôbre os telhados brincava uma claridadezinha. Na casa de Maria Tereza continuavam os gritos. A loja onde viviam — atulhada de gente. A' porta, meninos de olhos espantados. Job atravessou depressa aquele pedaço de rua. A morte estava ali dentro, no corpo de Casimiro. Se de repente o largasse e viesse ter com êle...

— Quem deve estar alegre como Cristo no dia da ressurreição, é o Sousa.

Voltou-se. Era Catarina. Catarina, a maior beata das redondezas. Só Marcela se lhe podia comparar. Catarina nunca casara. Devotara-se aos Santos. Tia do Zé Malheiro. Zé Malheiro, orfão. Viviam os dois. O Sousa é que devia estar alegre. Job não ouviu mais nada. Subiu as escadeiras a pensar no morto, sob a impressão dolorosa de que a morte o viesse pegar. O casebre — mudo. No canto da lenha pousou a ferramenta. Súbito, do quarto, chegou-lhe um chôro baixo e prolongado, assim a modos de fio de água a correr num êrmo. Aproximou-se:

— Jacinta, que é?

Ela virou-lhe uma face desolada.

— Deitei sangue pela bôca.

AFONSO RIBEIRO

DE UNS CADERNOS QUE EU ESCREVI

1

Naquele dia, ao olhar os pés, viu-os já cheios de sangue. Os caminhos limaram-lhos. Os seus olhos azuis não compreenderam a razão disso.

Tomou o manto, tomou o pão e o cajado, e continuou a viagem. Esta viagem era uma ordem recebida no princípio dos séculos.

Como sempre, os pássaros cantavam ao longo do seu caminho sem fim.

Ao meio dia, sentou-se e comeu. O pão era bom. Os seus olhos azuis não se esqueceram de dar graças aos Deuses.

Quando foi beber água na palma das mãos, o céu, côr de mar, refletiu-se ali. E ficou com o céu na palma das mãos.

Pôs-se a contemplá-lo embevecido e não continuou a viagem como lhe fôra mandado. A água foi-lhe escorrendo entre os dedos e o céu fugiu-lhe das mãos.

Só então viu os pés mais limados, cheios de golpes profundos e de sangue negro.

.....

2

A bailarina dobra-se lentamente na luz. A luz é mortiça; côr de rosa desmaiada. O corpo, a ritmar o espaço, estremece. O véu, azul de mar, ondula: o véu é um pedaço de mar que baila preguiçosamente. Música triste, desmaiada como a luz.

«Bailarina, como és, sou eu. Bailarina, o teu véu é a minha vida».

E o véu caiu. A luz fez-se mais forte e magoou-lhe as formas. O véu era poeira côr de rosa, caíndo lentamente na luz cada vez mais aguda. Os seios ficaram mais vistos. O corpo, mais plástico, tremia e via-se tremer. Só no pano de fundo ficaram umas pinceladas de escuro.

O véu que lhe ficou era verde: brilhante, brilhante. Véu que drapejava impaciente no ar aquecido. Luz viva, escaldante, luz de fulgores metálicos. Ritmo apressado.

«O primeiro véu já caiu. Bailarina, olha o segundo e prende-o bem».

A música, num alarde de metais, dominado por um fiozinho de melodia triste, abafou a queda do véu esverdeado que se estendeu pelo chão, e foi amarrar-se contra as colunas de mármore. Aos ombros da bailarina ficou prêso o último véu: negro e sem brilho.

A luz era de fornalha: vermelha e quente. O ritmo tornou-se louco.

«Bailarina, não esvoaces. Olha os véus que te caíram».

E ficou nua. O último véu enrodilhava-se-lhe aos pés. O chão fez-se espelho e refletiu mil vezes a beleza do seu corpo: a beleza nua da vida. E, só quando a luz se tornou branca, apareceu desenhado a carvão, no espelho que era o palco, o esqueleto da bailarina caída.

Foi então que as luzes se apagaram.

3

A cada esquina vagas de vento enrodilhavam-no. Os passos soaram frouxamente no empedrado luzidio. Em volta, a rua, integral no seu mistério nocturno. A noite escuríssima, de janelas apagadas. Chuva.

«No princípio do mundo houve um pecado. O pecado pegou-se, estendeu-se e cresceu com o mundo. O mundo fêz-se velho e eu nasci então. O pecado está em cima de mim, negro e pesado, como quando foi cometido».

Janela que se abre com estrondo. O vento dominou, no seu gritar, o barulho da janela, muito lá em cima, junto do telhado com ervas e musgo a crescerem.

— Mas que tenho eu com isso? Hei-de vir às horas que quiser... (Da janela saíram choros de mulher). Já te disse que não me deram trabalho... (Para castigo do pecado que acima menciono, foi prometido ao homem trabalho para tãda a vida).

— Já te disse que não me deram... (choros de crianças; mais lamentações de mulher). A voz que

vinha da janela gritava: «Já te disse... já te disse!» (Nos intervalos da gritaria, os choros e as lamentações da mulher e das crianças. Num momento, as lamentações foram falando baixinho, meigamente: pediam e consolavam).

— Já te disse... Já te disse que não tenho. (Estrondo de coisa que se partiu).

A janela que se fechou. O vento que ficou outra vez sózinho a embalar as ervas, a acariciar o musgo do telhado.

Um homem que passou, de apressado, deu-lhe um encontrão e fê-lo encostar-se à parede molhada. A humidade fêz-lhe frio. O mundo inteiro tem aquele frio quando alguém se encosta a êle.

«Êste pecado que nós pagamos»...

Parou no meio da rua, quási sem luz. «Faz-me mal a escuridão».

— Pois, senhores: Juro-lhes que a culpa não foi minha e que eu pago o que não devo!

CORIOLOANO FERREIRA

LEMBRANÇA

Meu esquecido amor!
— onde andarás perdido
o aço mordido da tua carne
que meus músculos temperaram...?

Que outros fogos te refundiram,
que outras mãos te moldaram,
e que tristeza de manhãs molhadas
de novo te coalhou as formas...?

Meu esquecido amor!
— perdido da minha memória e dos meus gestos.
Nem primeira, nem última,
— marco distante
na estrada da minha vida.

LIBERTAÇÃO

2

Bela manhã clara e fria,
fresca e linda...!

p

Tudo em mim são caminhos
em ânsias de partir,
miragens de horizontes novos
que hão-de vir.

o

e

m

a

Há quanto tempo andava adormecido
êste vigor
de ainda esperar da vida!...

s

de JOÃO JOSÉ COCHFEL

PINTURA

Ficou esta mão abraçada, com angústia, à esquina da rua.
A rua com um arco por cima, furtando o sol.
Passou o homem das castanhas. Passou a perdida.
Mas a mão ficou ainda na esquina:
O meu olhar a decorou: ela exprime a alma da rua.

FERNANDO NAMORA

Simplicidade

Anilada,
rola do céu azul
gota de água abandonada,
êxul...

A menina
que na janela estava debruçada,
nos olhos refletindo, pequenina,
a canção da madrugada,
na boca rubra de desejos
a acolheu.

E num envolver de anseios e pejos
a gota de água abandonada
na sua simplicidade fendeu.

Dia de Chuva

Na vidraça
vem brincar gotas de chuva.

E no rolar
em que se espaça
a gota de chuva
da vidraça,
lisa e fria,
há uma oculta sombra,
um pedaço do perdido,
que meu olhar rendido
embacia
como a chuva
na vidraça...

Conto

Numa nota simples,
tal
como tólha
caíndo,
e à tona ficando,
tu passaste por mim...

E do encontro
nasceu êste conto da nossa vida,
rindo...

AUGUSTO DOS SANTOS ABRANCHES

CINEMA E REALIDADE

desenhos animados realidade imaginada

por

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

A empresa do cinema «Tivoli» de Lisboa teve a feliz ideia de convidar o grande artista José de Almada Negreiros para apresentar ao público da capital a obra máxima de outro grande artista, o americano Walt Disney: «Branca de Neve e os sete anões».

A palavra de Almada — um dos maiores nomes da arte portuguesa contemporânea — representava não somente consideração pelo descobridor dos desenhos animados, mas também pelo público português. A empresa do «Tivoli» quis que um grande artista nacional dissesse aos frequentadores do seu salão a importância do espectáculo que iam assistir, fugindo ao grosseiro réclame dos estafados adjectivos de programa. Mas o público da capital de Portugal não se apercebeu destas subtilidades e não esteve com cerimónias: bateu Almada Negreiros, ou melhor, teve intenção de o fazer, porque, como muito bem comentou Roberto Nobre: «ao patear Almada o público bateu-se a si mesmo», embora não desse por isso, o que é muito peor, acrescentarei eu.

Felizmente que as palavras de Almada, que não puderam ser pronunciadas até ao fim no «Tivoli», podem ser lidas numa pequena «plaquette», o que torna a pateada do público mais inofensiva ainda.

Almada Negreiros parece que perdeu o seu «parti-pris» de excentricidade — o que caracterizou todas as personalidades da sua geração — que tornava os seus escritos obscuros e exóticos. É pena que a libertação seja exclusivamente formal e não tenha ainda atingido certa metafísica inconsequente que fundamenta grande parte do conteúdo da obra literária de Almada Negreiros. As palavras de Almada são claras, precisas, têm propriedade e ordem lógica mas as ideias que elas traduzem são ainda produto de uma época cultural e estética essencialmente anárquica. Tudo aquilo que Almada diz de «Branca de Neve e os sete anões» e dos desenhos animados em geral, é opinião de um plástico cem por cento, com a agravante de pertencer a um grupo de artistas que se preocupou sobretudo com a revolução formal da arte. É por isso que a realidade da arte, para Almada, é uma «realidade imaginada» e não a «realidade viva»: quer dizer, a realidade da arte é, para êle, ainda um problema formal. Daí o discurso de Almada Negreiros limitar-se a considerações meramente formais sobre o nascimento e o desenvolvimento do cinema, esquecendo completamente o miolo humano, imprescindível a toda e qualquer manifestação estética. É esse unilateralismo o erro fundamental da sua tese. Almada sustenta que foram os desenhos animados que deram independência ao cinema como arte: o cinema até ao filme de Walt Disney procurou o específico estético que o tornasse uma arte livre. É assim, porque êle parte do princípio dogmático, portanto evidente e indemonstrável, que o desenho é a mãe de todas as artes — «parti-pris» de artista plástico — e que o cinema nasceu não com o primeiro filme, mas há já muitos séculos, quando se descobriu que a sucessão de imagens realizava o movimento. Partindo deste axioma,

Almada afirma depois que toda a evolução do cinema foi falsa. O cinema — na sua opinião — viveu de sucessivas usurpações do teatro, conquistando-lhe lentamente as suas características cénicas. O som e a cor foram ainda passos em falso, assim como o será também o relêvo. Só com os desenhos animados é que o cinema encontrou o verdadeiro caminho, gritando na obra prima de Walt Disney o seu brado de independência.

Toda a dialéctica de Almada é falsa porque parte de uma base falsíssima. O cinema nasceu com o primeiro filme, quando se fotografou, ou se tentou fotografar, pela primeira vez, a vida: — a vida é a realidade em movimento. A base técnica de Almada — o cinema nasceu há séculos quando se descobriu que a sucessão de imagens realizava o movimento — chega apenas para explicar a descoberta da «cinematografia» — possibilidade de, com sucessivas fotografias, realizar o movimento da realidade, o que é apenas o processo técnico do cinema e não o cinema como arte. O progresso do cinema não foi falso, mas natural e verdadeiro. Depois de atravessar o seu período de infância, com passos incertos de quem começa a andar (os seus períodos heróicos), o cinema foi conquistando lentamente as múltiplas maneiras de representar a complexidade da vida, adquirindo a cor, o som e o relêvo. Todas as conquistas técnicas do cinema são expressões próprias da sua linguagem, traduzem a sua legítima evolução formal. Os sentimentos, as paixões e as ideias que, a princípio, foram representadas pela mímica e pelos gestos, passaram a ser, depois do advento do sonoro, pelas palavras, como na vida de relação dos homens; o claro-escuro que revelava as paisagens, as figuras humanas e todas as mil e uma contingências do mundo exterior, também adquiriu — se ainda não adquiriu, adquirirá com o progresso do technicolor — as cores variadas da realidade viva; o relêvo virá revelar pela imagem dimensão o que ainda falta ao cinema para atingir a realidade total. É que toda a expressão em arte existe para traduzir a vida e as inquietações humanas — eis o pormenor essencial que Almada esqueceu ao organizar a lógica abstracta das suas palavras sobre os desenhos animados, — e o cinema é aquela arte que as traduz com toda a plenitude e complexidade. Para o cinema não há obstáculos; aquêles que ainda restam serão vencidos como tantos outros que já foram ultrapassados pelo seu progresso. A realidade, o sonho, o mistério, as mais estranhas aventuras da imaginação humana podem ser representadas como se fôssem realidade viva. O cinema é descendente e resultado de todas as artes, mas é independente de todas elas, desde que conseguiu o «milagre» de realizar esteticamente a vida — como até então nenhuma outra arte o tinha conseguido — fora dos convencionalismos do teatro, da literatura e das artes plásticas. O cinema tanto descende do teatro como da literatura. Usurpou do teatro o que é arte de representar, e da literatura o miolo romanesco de algumas das suas grandes obras, mas a representação do cinema transcendeu

a do teatro, assim como as visões cinematográficas das obras literárias são coisa diferente de tais obras. O cinema nasceu da pantomina, evolucionou pela comédia disparatada e pelo dramalhão de faca e alguidar, mas, a pouco e pouco, se foi libertando da sua herança teatral, alargando o seu âmbito, não só com usurpações das outras artes, mas também com as formidáveis possibilidades que as conquistas da técnica deram ao homem, conseguindo realizar a vida com as suas nuances e o seu dinamismo. Por ser assim é que o verdadeiro artista do cinema é o realizador, as figuras que a tela reproduz são actores, e só na medida em que superiormente o sejam serão artistas, ou melhor, serão comparsas da vida realizada pelo «realizador» — deixem passar o aparente tantologismo — por inspiração própria ou por inspiração alheia, isto é, nascida de si ou produto do romanesco ou do imaginativo de uma obra literária, o que é indiferente ao cinema como arte. Se o realizador fôr simultaneamente actor e autor será um génio completo do cinema, tal como Charlot, que ainda é, mesmo depois do aparecimento de Walt Disney, o maior artista do cinema.

A obra de Walt Disney é muito menor do que a julgou Almada Negreiros. Walt Disney apenas descobriu o novo mundo dos desenhos animados; não tornou o cinema independente porque êle já o era. Walt Disney apenas demonstrou, com a sua admirável «Branca de Neve e os sete anões», que os desenhos animados podiam ultrapassar a caricatura e

o delírio. Walt Disney descobriu um novo ramo do cinema, muito menos humano e complexo que o verdadeiro cinema. Um boneco jámais pode substituir o homem, só se fôsse possível movimentar uma maravilha pictórica como «O Fusilamento» de Goya ou «As meninas» de Velasquez, o que me parece impossível; mas mesmo assim o cinema não seria independente porque, embora livre do teatro, seria dependente da pintura, como os desenhos animados — o seu próprio nome o indica — o são do desenho.

Concluindo: Walt Disney foi apenas o descobridor de uma das muitas virtualidades potenciais do cinema. Os desenhos animados são os contos infantis da literatura cinematográfica, isto é, apresentam uma Humanidade que só pode ser humana para as crianças, para quem os homens são homens porque têm formas humanas, e os bichos bichos porque têm formas de bichos. O mundo das crianças é um mundo de desenhos; os bonecos são para elas mais humanos do que os próprios homens, porque representam traços definidos e exagerados do exterior da personalidade física do homem. O homem para o homem é insubstituível. O homem não se contenta com o simples traço exterior: exige a dor, o sofrimento, a fome, a sede, o amor; quer o homem não movido pelos desenhos, mas pelas paixões, pelos sentimentos, pelas ideas. Walt Disney criou apenas uma concepção mais ampla dos desenhos animados, que estão para o cinema assim como os «marionettes» estiveram para o teatro.

ANTÓNIO RAMOS DE ALMEIDA

L I T E R A T U R A

M Ó N I C A

romance de

AQUILINO RIBEIRO

O valor de Aquilino Ribeiro como prosador não oferece dúvidas. Êle é um escritor completo, possuidor de um estilo forte e castiço. A sua prosa, de um sabor clássico, está enriquecida por vocábulos que foi buscar à linguagem do nosso povo, especialmente da nossa população rural.

Eis porque os romances de Aquilino Ribeiro possuem um colorido inegalável nos motivos fundamentalmente rústicos e regionais. Mas o que os romances de A. R. têm de notável não é a propriedade e riqueza de estilo. É que Aquilino sente a vida do campo, a vida simples e rude do camponês, como um rústico; sente-a e vive-a também. E por isso êle a funde e amassa nos seus romances, como parte de si mesmo, com a beleza dum esteta.

Só assim seria possível escrever essas obras primas que são, sem dúvida, o «Malhadinhas» e «Terras do Demo». Nelas está retratada, com um vigor desconhecido até então em Portugal, a vida e a alma do camponês, com todos os seus sentimentos e desejos, por vezes duma brutalidade chocante.

Ali Aquilino Ribeiro avanteja-se de tal modo que poderemos sem receio compará-lo a Eça — tomando êste como padrão de «classe» e não de «qualidade».

Por isto a crítica qualificou A. Ribeiro de escritor regionalista, como por exemplo Castelo Branco Chaves num estudo sereno e inteligente sobre Aquilino («Cadernos» da *Seara Nova* — Lisboa). É claro que aqui se toma «escritor regionalista» no melhor sentido, isto é, regionalista apenas na resultante estética do estilo e na força anímica dos temas.

Mas quando Aquilino Ribeiro trata o ambiente da cidade e o seu habitante, quando, como em *Mónica*, abandona o

âmbito rural e o estudo da alma do camponês, os seus romances perdem parte do seu poder sugestivo — porque aqui o meio já não se coaduna tanto ao sabor do seu estilo e os personagens não têm a simplicidade do habitante da serra.

E assim, é legítimo afirmar que as qualidades que a A. Ribeiro sobram para os seus romances *regionalistas* lhe faltam para os seus romances *psicológicos*.

Em *Mónica*, Aquilino conta-nos a história de uma familia humilde que chegou à riqueza e tem uma filha de 15 anos. A história está cheia de situações movimentadas, raptos, amores à George Ohnet. Mas a sucessão dos factos, as razões de atitudes dos personagens resultam apenas da mera vontade do Autor. Não há uma determinante no carácter de cada personagem, que o leitor conhece muito imperfeitamente. Esta ignorância é máxima no que diz respeito a *Mónica*, uma adolescente cuja crise fica absolutamente por conhecer.

Parece-nos que isto resulta de Aquilino Ribeiro supor que os actos quotidianos de cada um possam desenhar completamente a sua individualidade, processo que tem usado vantajosamente em romances anteriores, especialmente nos já citados.

Em *Mónica*, apenas a figura do «Ruas» está dada com segurança, quasi tudo está escrito «jornalisticamente», de maneira demasiadamente narrativa.

Está pois o grande mal de *Mónica* na superficialidade com que Aquilino Ribeiro nos dá os seus personagens. Êle é um psicólogo capaz apenas de analisar o que sente e o que fundamentalmente vive o seu espirito de beirão nato. E nisto residem as suas vitórias fora do romance psicoló-

gico, onde as suas grandes qualidades de contista se acham deslocadas.

Neste romance, a prosa de Aquilino continua a manter-se ao nível dos livros anteriores. Aproveita nele, o autor, certos momentos passados na aldeia para nos dar, em meia dúzia de linhas, formidáveis pedaços de paisagem, com um colorido e um ambiente de que êle sabe o segrêdo: « O pinhal, mais em baixo, entremeadado de mimosas, estava prenhe de perfumes e de sombras. Eram em certos pontos cascatas de amarelo, como nunca sonhou Van Gogh, que se despenhavam

sôbre as espaldas dos pinheiros velhos. Cantavam e trau-teavam ora e logo por cima dêles o cuco, a rôla, o papa-figo, e *Mónica* julgava-se num alegre mundo sonhado... Sobranceiro à planície o grande quarto parecia receber todos os perfumes dos prados e tôdas as sombras dos bosques que marchetavam a terra até à pequena corda de montes ao longe ».

Sente o leitor, é certo, uma quâsi embriaguês ao ler a prosa de Aquilino Ribeiro que, só por si, constitue uma grande qualidade de *Mónica*.

Mas num romance não é a suprema perfeição da prosa o que mais interessa.

MANUEL DE AZEVEDO

M Ú S I C A

BOYD NEEL STRING ORQUESTRA

conçerto a convite do

INSTITUTO INGLÊS DE COIMBRA

É para nós verdadeiramente estranha e dificilmente explicável a quâsi indiferença que a nova geração manifesta pela arte musical. Uma geração inquieta, que se debruça febrilmente sôbre todos os outros ramos de actividade intelectual, tem, no entanto, no campo da música, uma cultura que, na generalidade, se contenta com o *Mercado Persa* e a *Dança das Bruxas*; e, quando os conhecimentos vão mais longe, aceitam-se sem distinção de qualidade, obras realmente inferiores de mistura com outras que o não são.

A que atribuir esta ausência de gôsto, êste desinterêsse pela arte dos sons? Será pelo facto de a música ser « a mais intelectual das artes, a que mais abstrai do sensível, que mais à margem do concreto, do material, e do objectivo vive » (1), sendo portanto a de mais difficil penetração, ou por se tratar, pelo contrário, de uma arte inferior, não merecendo por essa razão que se lhe dedique a mesma atenção que à literatura, pintura, escultura, etc.? Creio bem que a verdade deve estar na primeira interpretação, embora a segunda tenha a simpatia de muita gente culta. Contudo não quer isto dizer de modo algum que a música seja uma arte para poucos. Longe de nós tal opinião. Simplesmente, e pelo que já atrás ficou dito, a música é uma arte que exige uma maior preparação que todas as outras. E é essa preparação exactamente que falta. Com effeito, que fontes de conhecimento musical nos são proporcionadas em Portugal, especialmente fora de Lisboa? Naquela cidade, efectivamente, e devido à acção desinteressada de algumas instituições particulares (sempre a iniciativa particular), o amador vai já dispondo de largo material com que enriqueça a sua cultura musical. Mas não basta. A cultura musical não se reduz

sômente ao conhecimento de obras: é preciso não só ouvir, mas saber o que se ouve. Para isso seria necessário um ambiente de discussão dos problemas musicais, das tendências do movimento musical contemporâneo, e isto por meio de conferências acompanhadas de audições e de publicações do género, despertando, assim, interêsse pela música e seus problemas essenciaes.

Todas estas considerações vêm a propósito de o Instituto Inglês de Coimbra ter trazido até nós a *Boyd Neel String Orquestra*. Por todas as razões expostas, nunca seriam demais os elogios a fazer ao Instituto Inglês por nos ter dado o prazer de ouvir êste belo agrupamento musical. Mas que dizer do programa escolhido? Que dizer dêsse pastelão, a puxar ao *pastiche* que é a *Introdução e alegre para orquestra de arco*, de Elgar, ou dessa sensaborona *Elegia para viola, quarteto de cordas e orquestra de arco*, de Howells, aliás de uma construção que nos pareceu perfeitíssima?

Porque teimam os ingleses em nos fazer ouvir, patriôticamente, os seus compositores, duma maneira geral fracos? Creio que seria uma attitude bem mais louvável, pôrem a sua indiscutível superioridade como executantes ao serviço de compositores de categoria, embora estrangeiros. Aliás foi o que agora fizeram com Hendel, que apesar de ter passado grande parte da sua vida em Inglaterra, não é inglês. — E, sobejamente, como motivo de *orgulho nacional*, lá estaria essa admirável unidade, equilibrio e qualidade sonora conseguidos nos seus conjuntos.

Não poderíamos acabar êste eco, que já se vai alongando, sem fazer aqui uma referênciã ao solista de viola, à sua sobriedade, à sua posição séria dentro do agrupamento: a não preocupação de sobressair, de brilhar.

A casa estava à cunha: Chovia, a entrada era gratuita, e de tarde há geralmente pouco em que passar o tempo.

J. J. C.

REDACÇÃO

Esta revista anunciada como edição PORTUGÁLIA/COIMBRA sai, agora, com inteira independência dessa casa editora. As obras anunciadas depois do romance AS SETE PARTIDAS DO MUNDO de Fernando Namora, serão publicadas, possivelmente, nas edições ALTITUDE, que apresentarão, em breve, METRÓPOLE — poemas de António Ramos de Almeida.

ALTTITUDE

b
o
l
e
t
i
m

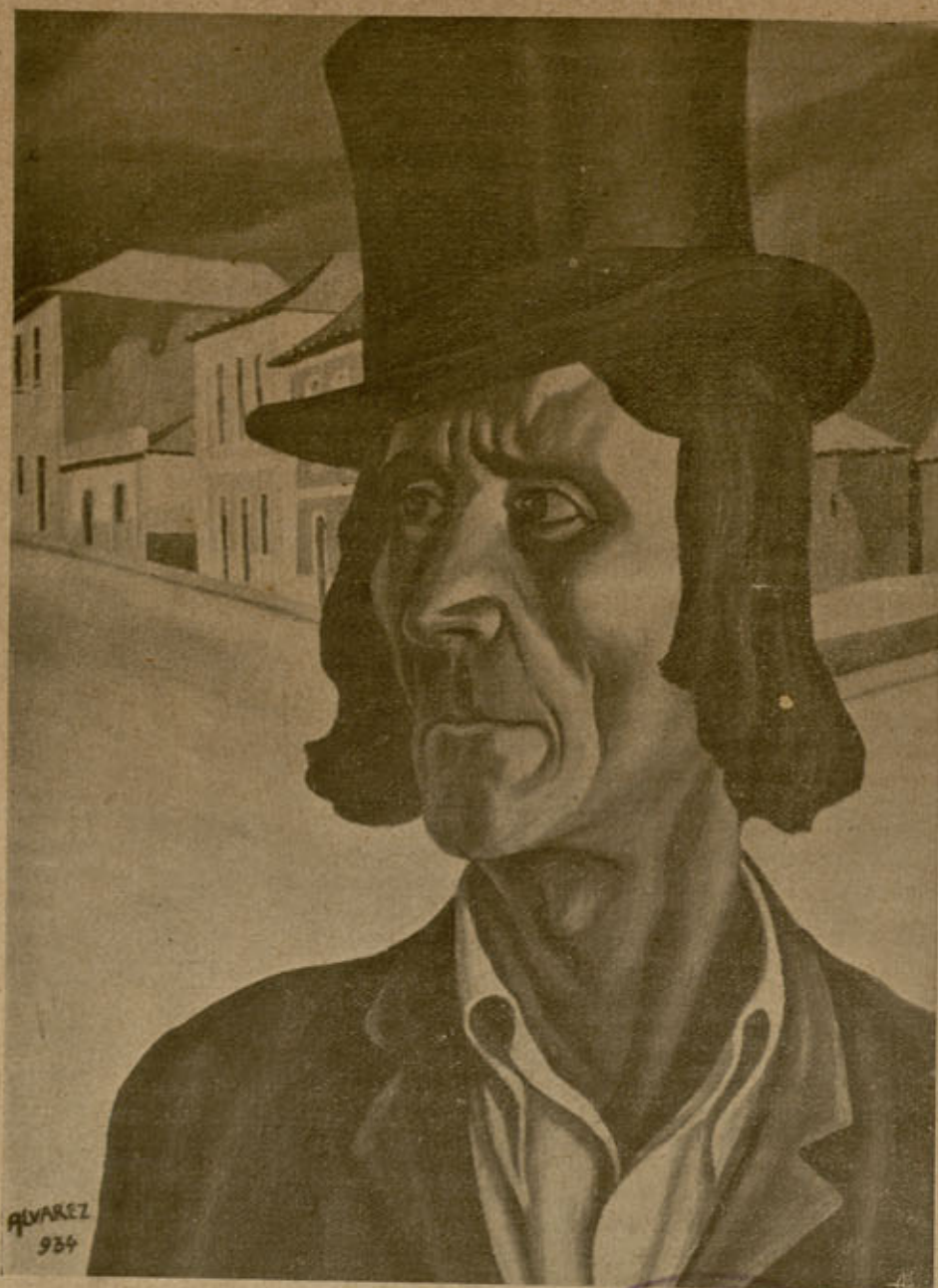
d
e

l
i
t
e
r
a
t
u
r
a

e

a
r
t
e

UMA PINTURA DE ALVAREZ



1939 2 abril

EDITOR: Augusto dos Santos Abranches
DIRECCÃO DE: Coriolano Ferreira, Fernando Namora, João José Cochofel e Joaquim Namorado

10
3
24
33

A FILOSOFIA DO ROMANTISMO

I

SCHOPENHAUER

Schopenhauer foi o profeta e o iniciador da quarta geração romântica (1860-1890) em que se inspiraram Wagner, Nietzsche, Tolstói, Renan, por intermédio de Hartmann, Sully-Proudhomme, Brunetière, Hysmans, d'Annunzio e muitos outros.

Nascido a 22 de Fevereiro de 1788, Schopenhauer quando inicia a sua vida intelectual, respira a atmosfera romântica. Segundo a observação de Ryssen, Schopenhauer é chamado a fazer escândalo na história da filosofia. Na realidade êle quebra a tradição racionalista herdada da filosofia grega, tão bem representada por Descartes nos tempos modernos e continuada na filosofia alemã por Hegel.

Já Sahelling, porém, na sua «Filosofia da Natureza» substituiu o método intuitivo à observação. Penetrando por um esforço de génio o enigma do mundo êle deduz *a posteriori* uma teoria completa da Natureza.

Mas há intuição e intuição. A intuição de Schopenhauer ou a de Bergson não são desta natureza. A intuição em Schopenhauer nasce do seu temperamento de artista. O seu conteúdo é a resultante dos seus anos de viagem, das suas observações, da sua experiência precoce, das suas leituras, etc. É às religiões, desdenhadas pelos filósofos, aos livros sagrados da Índia bramânica e budista, aos Evangelhos, ao cristianismo medieval, a Platão, discípulo da Ásia pelo orfismo, a Kant, filho espiritual do oriente por Espinoza, aos naturalistas e fisiologistas franceses Lamarck, Cabanis, Bichat etc., que Schopenhauer vai procurar solução para o enigma do mundo e do destino humano.

O seu grande livro «O Mundo como vontade e representação» surgiu deste conjunto tão dispar, não por análise laboriosa mas por uma espécie de alucinação intuitiva.

A metafísica estranha desta obra tem sido esquecida pela maior parte dos admiradores de Schopenhauer.

A antiga filosofia reduzia o homem à inteligência como se o homem nada mais fôsse que isso, como se a vida só fôsse revelada pelo pensamento. A criança, porém, *deseja e quere*, antes de se tornar o *ser que reflecte*. A todo o momento nós tomamos resoluções em que a Inteligência quasi não intervém. O *carácter*, que nos é revelado pelos nossos impulsos, pelos nossos desejos é distinto da inteligência. É-lhe anterior e superior. A nossa vontade ajuda-nos a compreender a Natureza. Schopenhauer concluiu que não é a Inteligência, a razão, mas a *vontade*, cega e inconsciente,

que constituiu essa *substância única* de Espinoza, esse *absoluto*, essa *coisa em si* que Kant julgava inconhecível e que a intuição descobria a Schopenhauer.

No mundo dos fenómenos esta vontade aparece-nos fragmentada nas *espécies, nos indivíduos*. Ora cada uma dessas parcelas de vontade procura durar, crescer. Daí a luta eterna pela vida que mais tarde será o conceito mestre de Darwin, e que faz da Natureza um verdadeiro «campo de carnificina» para usar uma expressão de Ruysens. Atormentado por desejos sempre negativos, mas sempre renascentes, o homem não pode atingir a felicidade que procura sem cessar. Desde muito jovem que Schopenhauer se convenceu da mediocridade, da miséria *incurável* da existência humana. O filósofo alemão nega toda a evolução, todo o progresso. Sob formas, nomes, datas diferentes, a história repete-se. Num mundo atormentado pela luta e pelo sofrimento a *vontade* parece mais demoníaca que divina.

Contudo, num grau superior da gama dos seres a vontade alumia o universo, pela inteligência que lhe serve de guia.

Graças a esta luz da inteligência a vontade toma consciência de si própria no homem de génio. Êste apercebe a beleza das forças eternas (as idéias platónicas) e compreende a infelicidade da vida humana, ao mesmo tempo que entrevê uma espécie de libertação desta vida limitada e miserável. Êle cria a *arte* e a *moral*. O artista *empresta-nos* os seus olhos para apercebermos o mundo. A contemplação da obra de arte, revelação do além, comunhão com o infinito, dá-nos uma alegria desinteressada, uma paz celeste, liberta-nos do desejo egoísta. Os sentimentos estéticos aproximam-nos assim dos sentimentos morais.

Schopenhauer faz do misticismo o fundamento da moral. Com Rousseau dignifica a *compaixão* que quasi identifica com a *misanthropia*. A moral da *compaixão* não é mais que o prelúdio da moral da *Renúncia*. No santo, no asceta, a vontade acaba por se negar a si própria. O suicídio não é senão uma afirmação tenaz da vontade de viver. O homem que se mata não detesta senão os males da vida; o asceta reconhece a vaidade das suas alegrias. Êle sabe que uma vida feliz é impossível. O mais que o homem pode atingir é uma vida heróica, uma vida em que se vença a si próprio todos os dias.

Schopenhauer não foi êsse herói. Carácter inquieto, irritável, medroso, praticando em excesso a *física* do amor antes de escrever a sua *metafísica*, epicurista,

2

pessimista, Schopenhauer representou sempre o contrário do asceta.

Evidentemente que soube fugir com facilidade a esta contradição: é necessário distinguir entre o *gênio* que ensina o ascetismo e o *santo* que o exerce.

A falta da moral da *renúncia* Schopenhauer exerceu a moral da *prudência*.

Este filósofo romântico, pela sua natureza de artista, pelos seus traços mórbidos, as suas bizarras, as suas visões, parece um personagem dos contos de Hoffman.

É certo que foi um renovador na História da Filosofia e que exerceu uma grande influência em Tolstói e em Wagner.

Considerá-lo, porém, como o pretende fazer certa corrente de opinião um dos revolucionários do huma-

nismo contemporâneo, é que nos parece absolutamente errôneo.

Schopenhauer ri-se da igualdade, pois que, segundo êle, a natureza distancia mais os homens que todos os costumes e instituições. Partilhando a opinião de Hobbes e de La Rochefoucauld sobre a natureza humana, inclina-se para a monarquia absoluta. A utopia do progresso parece-lhe uma caricatura do dogma da vida futura. Anti-semita não admite da Bíblia senão o pecado original e não perdôa aos hebreus o seu optimismo imperturbável. A Filosofia de Schopenhauer está tôda impregnada do conservantismo reaccionário da Santa-Aliança. Schopenhauer é o tipo acabado da burguezia alemã e de todas as burguezias conservadoras.

JOSÉ NEIVA

A Hora Negra

Se eu tivesse uma alma e ela fôsse de bronze,
Soaria agora como um dobre a finados.
Sinto-me triste sem saber porquê,
Com a morte na alma como se alguém morresse,
Alguém que eu muito amasse ou que fizesse pena.
Estou triste como se vivesse longe
De qualquer sítio habitado ou conhecido,
Sem amigos, sem livros nem vontade de lê-los,
E nem coragem para me suicidar.
E a tristeza vem vindo com a noite que surge.
Sinto-a vir por mim dentro como um punhal cravado
Devagar, devagar, com crueldade rara,
Por mão cega e feroz, mas bela entretanto.
Lembram-me coisas vagas, lúgubres, brutais,
Coisas de louco ou dum agonizante:
Um barco sem velas navegando ao acaso
Na água estagnada dum lago, ao luar;
Ciganas marchando com os filhos ao colo,
Por uma estrada longa numa noite sem fim,
De cabeça baixa e as saias rodadas ao vento;
Penso em crianças suspensas duma fôrca,
Hirtas e negras numa tarde brumosa;
E um pôr-de-sol ardente, côr de sangue,
Num mar muito calmo e sem nuvens no céu.

Ai! Estas horas... como elas ferem.
Nestas horas apetece sei lá quê?
Fechar-se a gente em casa no quarto mais escuro.
Não ver, não sentir, não pensar em ninguém.
Não falar, atirar-se para um canto
E ali ficar inerte a fingir dormir.
Ou então abrir às cegas qualquer livro
— Um livro triste dum poeta triste —
E chorar, chorar perdidamente
Até sentir no corpo a tormenta passar.

A Partida

Quando o combóio se sumiu na curva do caminho
E o meu corpo abandonado,
Como o dum barco perdido no mar alto,
Ficou no cais a vê-lo desaparecer;
Quando depois, de olhos no chão, cabeça baixa, ombros curvados,
Com ar de quem vai acompanhar um entêrro
Ou algemado para alguma fortaleza
Donde não mais se volta,
Regressei ao mundo indiferente dos felizes;
Quando o laço que prendia as nossas vidas
Bruscamente, abruptamente, se quebrou,
Qualquer coisa dentro em mim senti soltar-se,
Ficando apenas prêsa duma ponta;
Qualquer coisa se desfez, se esfacelou;
Deixando um quási nada inda doendo:
Como um ramo de árvore que o vento partiu
E se balança ainda ao sabor dêle;
Como um trapézio duma só corda suspenso,
Bailando à chuva, de noite, lentamente;
Ou como, num telhado coberto a zinco,
Uma lata que bata descontinuamente,
De espaço a espaço, sem ninguém esperar;
Ou talvez como o corpo dum enforcado
Cuja corda está num fio de tanto se torcer...

Seja o que fôr, seja como fôr:
Isto que em mim eu não sei explicar
Anda dansando, balouçando cá dentro,
Dando a oscilante impressão, não dum pêndulo
Nem de coisa bem feita ou funcionando,
Mas de qualquer coisa que de chofre se estragou.
Anda de trás p'ra diante, sem regularidade,
Ao acaso do tempo, ao acaso da vida,
E não é mais afinal que o fruto amargo
Duma simples sensação de saúde.

Julho 1938

ANDRÉ VALMAR

A Largada do Heroísmo

Navego neste sonho desvairado
Em ruas, bêcos, praças, avenidas;
Levo no rosto o ar do alucinado,
D'algum que busca a vida noutras vidas.

Dentro de mim há vozes que só gritam:
Ficar, subir, ser Eu a tôda a hora;
Fora de mim há braços que se agitam,
Há soluços de sangue de quem chora.

Paro os meus olhos sôbre a Natureza
E vejo o seu mistério todo em flor,
Seria um véu só feito de beleza,
Sem a tortura aguda desta dor.

Não posso sufocar o alarido
Que vem do meu irmão e que chama;
Não posso virar costas ao gemido
Da virgem violada que não ama.

Deixo bradar em mim minha loucura,
— Minha peliça de cobrir o frio. . .
É ela tôda a ânsia da procura,
A nascente cruel dêste meu rio.

Tanta batalha de contradição
Vai vencendo os meus restos destroçados,
Pára no fim do mar do Sim ou Não
Onde ficam os barcos naufragados.

Mas, antes de chegar ao fim da luta,
Quero quebrar o mito dos meus ossos,
E na cisterna podre e dissoluta
Cavar o fundo e o lôdo doutros poços.

Cada momento é para mim combate
De glórias e derrotas, vida ou morte,
Mas o clarim das fôrças do embate
Contém a fôrça oculta do meu Norte.

Minhas palavras gritam a verdade,
A verdade que mora em tôda gente:
Sangue e suor, destino duma idade
Onde paira a certeza que nos mente.

O meu peito despido de medalhas
Desafia os punhais que dão a morte,
E sôbre as nódoas negras das toalhas
A minha fome engana a sua sorte.

Noites de vigília e pesadelo,
Onde não dorme o sonho que me sonha,
A minha face morta de modelo
Tem as rugas do mar e da montanha.

Vêm-me em sonhos os terrores da vida,
Os farrapos humanos de sofrer;
Uma criança loira adormecida
À espera da hora de morrer.

Uma virgem morena, bela, nua,
Vagueando num bêco de perdidas. . .
Seu corpo cairá naquela rua,
Como muitos das outras já vendidas.

Um mar de sangue vem de longe irado,
Nas suas ondas boiam caravelas,
Branças de sonho, casco avermelhado,
Que o sangue mancha quando bate nelas.

Branças de sonho, aos horrores dos mares,
Tiveram rumo só de ventania;
O capitão de plumas e alamares
Morreu, vivendo a sua cobardia.

Trazem mortos, feridos, decepados,
E restos de cadáveres de donzelas,
Vultos de marinheiros naufragados,
Sonhando no convés das caravelas.

Escravos agonizam no porão,
Gemendo sôbre o sonho e sôbre a dor,
Espalhada em quimera pelo chão
A promessa dum sol, já sem calor.

Um grito agudo rompe o ar da noite:
É o gageiro que anuncia a Terra;
Cai sôbre a Vida o derradeiro açoite,
Como um brado de paz depois da guerra.

Na praia imensa canta a vida inteira
O hino glorioso da chegada,
E uma luz estranha e verdadeira
Inunda a escuridão de madrugada.

Um dilúvio de luz, — um incêndio-lua,
Uma estrêla caída sôbre a Vida —
Cobre o corpo da virgem bela e nua
E desperta a criança adormecida.

Acordo. . . A vida em volta é só mentira.
Ah! meu sublime sonho de poeta! . . .
És meu amor, meu ódio, minha ira,
Jâmais a vã promessa dum profeta.

ANTÓNIO RAMOS DE ALMEIDA

ENTRA EM CENA UM NOVO PERSONAGEM

Estava frio. As pontas dos dedos geladas. João amiu-dou-se no seu sobretudo. Tremelicava. Danilo parecia nada sentir: simplesmente a gola da gabardina alçada — uma gola a desfazer-se em sêbo. Desceram a rua em silêncio. João Queiroz sentiu a necessidade de ter uma palavra para desfazer o silêncio inimigo. Tocaram-se com os ombros. Estremeceu. Lembrou-se que seria bom ir ali com uma Guida em vez dum Danilo: êsse roçar de ombros, amigo, confiante, sob a presença íntima da noite, valeria por uma frase morna.

— Vem hoje o Marinho do Porto.

Não: não era a Guida. Era ainda o rapaz da gabardina, dizendo com a segura duma ordem: «— Vem hoje o Marinho do Porto.»

Disse:

— Ai vem? Não me tinhas dito ainda.

— Quero ver se o levo lá para casa. A Maria Eduarda e êle... Caramba!: deve ser um pratinho.

O Marinho vinha do Porto, possivelmente ficaria na pensão: Alguém novo entre êles. Alguém para quebrar aquele nó, cada vez mais enrodilhado, dum Jaime, dum Abílio, dum Zé Maria... Pelo menos, enquanto todos não aceitassem o novo hóspede como definitivo, haveria tréguas. Tréguas não só para a necessidade daquela couraça individual que a vida lhes colara à sua volta: também para o que estava para além, que era, afinal, a ligação trágica entre êles.

— Vê lá se o consegues!...

— Não sei. Vamos a ver.

Um vento fresco veio do fundo da rua e sacudiu-lhes o rosto. Danilo sentiu-se aquele vento que chegara até êle, depois de vencidas a distância, a noite e o frio. Cada vez mais o desejo de viver, de fazer de si a luta: a aragem que veio de longe animar-lhes a face. Anda, anda, e parece-lhe que caminha para *alguma coisa*. Não vai ali apenas para ir esperar o Marinho. E' uma daquelas viagens, sem norte, sem anjos, que o seu corpo e a sua alma pedem.

— Êle estuda?

Para que veio João Queiroz desmanchar tudo? Mas vence logo a irritação:

— Preparatórios de Engenharia, quando tem dinheiro para as matrículas. — E tinha ao canto dos lábios a amargura que as palavras não confessavam.

Afinal, a viagem não tem anjos, nem nortes, mas tem a vida, seguindo-os, implacável.

— A vida...

— Qual vida?! Deixa-te de lirismos.

Era de novo o Danilo: o vento que, a-pesar-da noite e da distância, vai seguindo sempre, reforçando-se no que tiver de fraqueza.

Na Baixa, João mal teve ocasião de lançar um rabo de

ôlho para as montras das livrarias. O outro encaminhava se, em passos largos, para o café.

A atmosfera, lá dentro, abafadiça. Danilo furou pelas fileiras das mesas, de sobancelha altiva, para o lugar do fundo. Sentou-se ao lado dum desconhecido de Queiroz. Depois, como só então desse por êle, especado na frente da mesa, convidou:

— Senta-te.

Obedeceu.

— Uma aguardente!

Enguliu-a logo e disse dum modo bem imperativo:

— Paga!

A mão de João Queiroz tremeu no bolso do sobretudo. Mas a sua face sorriu para o terceiro. Pagou.

Sairam. O frio era mais cruel agora. Ninguém nas ruas. As ruas com o ar cúmplice e inimigo de quem sabe que nos espera o desconhecido em cada esquina. Junto ao rio, descia a névoa. Os candieiros eram olhos baços.

— Êle, êste ano, já não pode matricular-se.

Danilo virou-se com brusquidão e perguntou agressivamente:

— Êle, quem?!

— O Jorge Marinho... — disse num sôpro.

O outro riu e continuou no passo largo.

Passou um grupo de pessoas. Um garoto, ao colo do pai, assoprava as lâmpadas pelo caminho.

— Isso não são velas, Jênito!...

A estação estava quasi deserta. Partiu um combóio. E, com êle, um pedaço de João Queiroz: aquele pedaço descosido e vagabundo, que pertencia à Guida, que pertencia à razão das noites em claro, a um outro sonho que nem a crueldade da vida e dum Danilo conseguiam despedaçar completamente.

Espreitou pelas vidraças até a última carruagem se misturar com a noite. Olhou o relógio da estação, a velha agachada num chale negro, a um canto. Danilo lia os horários. Entrou uma rapariga com cestos dependurados nos braços.

— De rachar, ein? — comentou o porteiro, esfregando as mãos.

O combóio silvou ao longe e, dentro de segundos, resfolegava na gare.

Cá de fora, pouco mais se via que luzes. Danilo aproximou-se da porta. Daí a pouco, João Queiroz viu-o correr para um rapaz alto, aflitivamente alto, vestido de negro. Sorriu para o recém-chegado.

— Jorge Marinho... O poeta de raça: João Queiroz... Apertaram-se vivamente as mãos.

O outro tinha o cabelo comprido e uma vaga pera. E uns olhos mansos e grandes.

— Já o conhecia. Aqui o Danilo falou-me várias vezes de si. E tenho visto desenhos seus em revistas.

— Ah, sim? Lá pelo Porto também o conhecem.

Dizia as palavras com ingenuidade.

João, seguindo o exemplo de Danilo, pegou numa das malas.

— O teu sobretudo?

— Não tenho.

Sorriu e olhou para Queiroz. Mas a êste pareceu-lhe que o olhar era mais dirigido ao seu agasalho confortável. Viu-se inferiorizado: inferiorizado junto dum Danilo de gabardina com nódoas e coçada e dum Jorge Marinho, arrostando a noite fria com o seu fato preto com joelheiras.

— Aonde vais ficar?

— Não sei ainda... Vocês não sabem duma pensão barata?

— Podes ir lá para casa... se não comeres muito. Não é caro.

— Você estuda êste ano?

Danilo três-passou-o com um olhar. E teve razão: ¿que importa que o Marinho estude? A mãe de Queiroz, nas vésperas de partida para as aulas: «— As obrigações! As obrigações! Vocês têm tempo de descansar!» Isto, ainda, a-pesar-do seu ar de quem já está longe dêsses conselhos. Sim: aquela pergunta era para a sua mãe. Mas não para êle. A mulherzinha de Febres, flácida, não poderia compreender a heroicidade e a beleza da verdadeira vida, dessa vida que era nêles um não exclusivo subordinamento ao estudo, mas sim o novelo caprichoso de horas de amizade, de amor, de dúvidas, de inquietações. Não poderia compreender a beleza, mesmo, desta noite de névoa, com três rapazes acordando o silêncio pesado da rua deserta, as mãos ruborizadas de frio, e no interior a permanente tempestade dos que nasceram para o clamor das suas almas desassocegadas.

Jorge respondeu com vagar:

— Depende da Universidade. Se me derem transferência... Mas, naturalmente, nada feito. Ainda não frequentei aulas êste ano: devo estar crivadinho de faltas...

E sorriu de novo. O seu sorriso era tão manso como o olhar. João mirava-lhe, sem descanso, furtivamente, os cabelos escorridos e longos, a barba, o andar desmanchado.

— Queres aquecer com qualquer bebida quente?

Deixaram as malas à entrada do café.

O Bastos estava sentado num sofá e fumava o seu «Nelson». Danilo fez uma discreta apresentação. Bastos levantou-se delicadamente, apertou a mão de Marinho, repuxou a calça para não amachucar o vinco.

— Você toma alguma coisa?

— Pois que viemos aqui fazer?!

João Queiroz escondeu as mãos nos bolsos e sentiu os olhos trémulos, como em menino, perante um ralho do pai. Olhou um ponto fixo do teto. E êsse ponto identificou-se com as alucinações de certas noites em que o seu corpo se transfigurava, aos poucos, numa bola qualquer, desfazendo-se, desfazendo-se, até a um ponto sumido e débil. E, à volta, a sombra ameaçando o restinho do seu sêr.

— O que tomas, pá?

— Um copo de leite e pão.

O criado esperava.

— Uma sandwich?

— Nada disso... — E voltou-se para os companheiros: — Eu nunca peço uma sandwich. Um bom pão, custa a quinta

parte e é mais *real*... Lá o facto de acharem isto a destoar no *chic* dum café dêstes não me interessa...

— Aprende. — dirigiu-se Danilo a Queiroz.

Êste desejava desaparecer dali. Tornar-se o ponto infimo dos seus sonhos ou um pedaço da névoa da rua. Como em certa ocasião, entre senhoras, depois de escapar uma inconveniência. Ainda bem que não estava ali a Guida. A Guida — com a sua testa grave, enrugada, a sua bôca amimada. Havia de o olhar com piedade, vendo-o ali desnudado, sem remédio, do seu ar palavroso. Felizmente que ela não estava ali. Mas estava, contudo, um estranho, que êle recebera, por momentos, com júbilo. O Marinho, de-certo, a essa hora, já o considerava um trapo, um imbecil. Esta primeira impressão ficaria para sempre. E ali continuava o Danilo para a afundar. Uniu os dois no ódio que o roer dos lábios exprimia.

Zé Maria entrava no café. Deambulou o olhar pela sala.

— Pst!

— O meu guarda-costas, Zé Maria... Agora não se nota bem o físico, mas há tempo para provar o dito... Jorge Marinho.

— Muito prazer.

— Desta vez não digas só o *prazer* da bôca: Tenho esperança de chegar até nós êste bichão. É um respeitável tank para uma guerra, ein?...

Uma morena de lábios grossos era agora o fulcro da sala. Cruzara as pernas despreocupadamente, era só olhos para o espêlho. Zé Maria alheara-se dos companheiros: não desistia de descobrir uma pontinha de côxa, todo êle era o macho.

— O meu tipo, caramba!

Marinho mal olhou. Danilo teve um riso de superioridade indulgente. Bastos apagou o cigarro no cinzeiro e acariciou o luzidio imperturbável do seu cabelo.

Zé Maria pediu um café. Vinha de Bastos um perfume, um requintamento que lhe era suave. A própria atmosfera amolecida do café o fazia reclinar na cadeira, espreguiçar os membros; vinham-lhe desejos de adormecer. Tudo estava ali para seu aprazimento: os amigos, a mulher, o morno da sala. Saboreou o primeiro gôlo da bebida. Deitou mais açúcar. Estendeu o sapato que foi tocar na perna da mesa. E êsse contacto lembrou-lhe o seu lugar na mesa de pinho de sua casa, encostado à arca. Porque viera a recordação? A mesa de pinho de sua casa. A essa hora deviam estar no fim da ceia. Casacos pelos ombros, cabelos sujos, ásperos, tombando para a testa, mãos gretadas, os irmãos roíam o último caroço de azeitona. O quintal escuro e sombrio para lá da porta entre-aberta sob a vigilância do «Farol». O quintal, a terra áspera. O pai, os irmãos, suando na terra o dinheiro que êle gastava num café que lhe dava a sensação do bom. Era um miserável! Olhou com raiva as unhas vermelhas da mulher.

— Pensas fazer alguma exposição em Coimbra?

Marinho acenou que não.

— Isto deve dar pouco. Parece que há por aí uns anjos que compram quadros... ao domicílio. É preferível. Enfim: vamos a ver. Você tem um cigarro, Queiroz? Desculpe: acabei o meu maço no combóio.

Danilo riscava com a unha o vidro da mesa.

— Se não fôsse a questão da massa... É revoltante, revoltante!, estamos sujeitos a isto. Apetece palitar os dentes e fazer uma bomba de cada lasquinha de residuo... E quilhar isto tudo!

— És o mesmo de sempre... Tens uma maneira muito

tua de nos dar o trágico, às vezes onde êle nem sequer existe...

Danilo ia a responder mas o Marinho continuou logo:

—... Complicámos a vida, ou ela nos complicou...

É curioso: nós — que aparentemente nos queixamos dessa complicação —, no fundo sentimos uma espécie de gôso em dar por ela.

— Tudo será o que nós formos. E nós enxovalhámo-nos. Sujará os pés no lodo aquele que não souber poupar-se num salto a tempo. Isto é bem simples... — e o Bastos reforçou ainda a expressão sacudindo o pôzinho das abas do casaco.

Zé Maria, de ombros apoiados na mesa, debruçara-se para a frente.

— Se fôsse romancista havia de dizer estas e outras coisas. Não cabem nos meus desenhos.

Queiroz já nada sentia contra Marinho: Êle tinha uns olhos brandos e aquelas frases que a João davam o sabor de saídas da sua bôca.

— Romances... — Queiroz franziu as sobrancelhas à interrupção de Danilo. — Romances... Há p'r'ai umas flores de estufa. Isto de literatos, poetas... só rima com patetas. Não, não é com a tinta permanente que se muda o eixo do mundo. Em que nos podem valer êsses Dantas *pròpriamente ditos* e outros Dantas encasacados?... No fundo, bem no fundo (e sorria irònicamente), vocês e êles não passam duns burguezões...

Zé Maria fêz um gesto de desagrado. Não podia acreditar na necessidade das palavras de Danilo, como não sabia descobri-la no minuto de silêncio, seguido da «Fundição do aço» de Mossolow, em casa do Carlos Nóbrega. Mas tudo devia ter a sua explicação compreensiva. ¿Não compreendia êle um Bastos defendendo o último discurso de Mussolini com a mesma serenidade e importância com que abria a mala diante dos amigos, aparentemente sem um fim em vista, para exhibir as cuecas de seda?

Cada um se esqueceu dos companheiros. Aquele pontozinho do teto girava, girava à toa, na busca dum destino.

— Vamos!

João sentiu-se ferido no silêncio tão íntimo, tão íntimo.

Cá fora, a névoa alastrara-se pela cidade. Já não era só o rio oculto pelo seu manto. Era como uma mão enorme crescendo sempre pela cidade: a sombra para o ponto das alucinações.

— Podes, hoje, dormir já lá em casa. Arranja-se uma cama.

— Pode ser... Ó Queiroz, obrigado!: eu levo a mala. Já teve incómodo bastante.

— Secretário!: para que são êsses músculos?!

Zé Maria descobriu os braços da capa e correu para João Queiroz.

— Deixe ver. Você ia a rebentar, homem!

Danilo sorriu e circundou um braço, meigamente, pela nuca de João.

Êste olhou para êle com um olhar de enternecimento que queria dizer: Sim, sim: somos amigos!

— Esperamos pelo eléctrico?

— É inútil: se calhar já não há disso. E' bom que te habitues desde já a esta grande aldeia...

— Bem: eu sigo outro caminho. Tive um imenso prazer em conhecê-lo, Jorge Marinho!

— Muito obrigado. Boa noite, Bastos.

— Boa noite.

Subiram o Arco de Almedina. E as ruas eram cada vez mais uma presença inimiga. As casas — adormecidas. E mais altas e mais densas.

Entraram no quarto de Danilo. A conversa, entre pausas, amolecia. João Queiroz estava sôbre brasas para se refugiar no seu quarto.

O Seabra bateu, com discrição, à porta.

— Vivam! — e só para Marinho: — Passou bem? Venha de lá um rijo abraço! Fica cá na pensão?

Voltou-se depois para Danilo, descobriu o dentinho falhado e comentou:

— Está-se aqui a formar um dêstes núcleos... — E de novo para Marinho: — Cá em casa é tudo do fixe.

E ageitou o lacinho vermelho, revolucionário.

Danilo disfarçou para si e para os outros um ar de dó.

A criadita da pensão estava à porta e fazia sinais com o dedo. Zé Maria percebeu e aproximou-se.

— Que é?

— O sr. Lúcio manda dizer que... manda dizer para o sr. dr. arranjar o dinheiro do mês... até amanhã. Precisa de pagar a renda da casa.

—... Está bem.

Uma vaga de vento abriu a janela. Zé Maria foi fechá-la com muito vagar. Passava alguém, correndo, na rua.

FERNANDO NAMORA

PÁGINAS DUM CAPÍTULO
DO ROMANCE EM PREPARAÇÃO
“SALTO MORTAL”

U M A PÁGINA INÚTIL

Logo a sair de casa encontrei o Luís, sempre com o ar de desenterrado. Confesso que pela primeira vez me senti enfadada. Êle tornou-me a falar nas cartas. Também de que outra coisa é que êle sabe falar!... Consegui safar-me para as aulas. A' tarde, êle seguiu-me até à Praça. Mas eu cortei-lhe as voltas que foi um gôsto! Afinal, no fim daquilo tudo, fiquei triste, triste. Para que o faço eu sofrer? De que me convenci para representar tanto! Ai se êle soubesse o que cá vai por dentro! A Maria Joana disse ao jantar, maliciosamente, que nos tinha visto juntos. O senhor Cardoso partiu-me uma fatia de bôlo, com o seguinte comentário: «Já agora, guarde metade para a família...». Nojento, êste senhor Cardoso! Se não fôsse a Joana... Ai se não fôsse a Joana!... Subi para o meu quarto e parti, de raivosa, o pé do cravo que me tinha dado a Isabel. Pobre cravo! E pobre de mim, que sou tão frágil como êle!

Passou outra vez o cauteleiro, lá em baixo, na rua. Que voz tão aflita, tão cheia de angústia, a do homenzinho! Ninguém dá pelo seu pregão. E êle passa ainda, passa sempre. Apeteceu-me descer à rua e comprar-lhe um bilhete. Talvez a sua voz fôsse outra depois do meu alento. Faço cálculos de cabeça, olho para a minha bôlsa junto do

pacote da Maria Joana. Começo, desde já, a sentir uma imensa alegria pelo que irei fazer. Que expressão será a sua quando lhe acenar com o dedo: «Dê-me um bilhete!»? Mas, de súbito, vem-me a vergonha de fazer tudo isso. Não será disparatado? A bôlsa ficou junto do pacote da Maria Joana. O cauteleiro lá foi com a sua voz para a outra rua. Mas ainda bem que me vinguei de mim, puxando as orelhas à «Miss» que estava estendida no resto de sol do meu quarto...

Ontem à noite apeteceu-me ir passear por aí fora, só. São tão raros os passeios que eu dou à noite! Mas que diriam de mim se me vissem sem companhia! É verdade que poderia convidar a Adelaide ou a Isabel. Mas já sabia de antemão o que elas diriam, tintim por tintim. Oh! e um passeio com o Luís, a esta hora! Se eu tivesse coragem para sair a chamá-lo e irmos os dois por aí fora, por aí fora! Estariam os seus e os meus desejos realizados... Mas quantos obstáculos! Só de ter que dar uma resposta àquela fanhosa da Joana, quando ela me visse sair: «Para onde vais tu, *priminha*...?» Aquela voz arrastada e fanhosa da Joana...

Decididamente tenho de ficar em casa, a sonhar o meu desejo à janela... Tão mesquinha, a vida!

MARIANA CAMPOS

NÃO

1

Venham todos os meninos nascidos nas palhas
duma mãe camponesa de braços vergados aos molhos
de espigas

e dum pai carpinteiro.

Venham todos os vultos das docas sombrias
e todas as mulheres tristes das ruelas de lâmpada ver-
melha.

Venham todos os moços de braços inúteis
e todas as raparigas de olhos desiludidos
e todos os velhos que não tiveram mocidade.
Venham.

Vamos gritar que não.

Dos nossos braços levantados para regiões desconhe-
cidas,

para multidões de estrêlas,
nasceram aeroplanos.

Dos nossos braços abertos para abraçar a terra,
nasceram máquinas inimagináveis.

Mas as máquinas traíram.

E os aeroplanos traíram.

E ficou só um campo cheio de corpos inúteis.

E ficou só um campo coalhado de mortos.

Venham.

Vamos dizer que não!

O sopro de amor que chicoteou as veias
estendeu-nos os braços para novas ferramentas,
para a grande construção da Cidade nova.

Mas o corpo ficou-nos agarrado ao abraço pegajoso da
carne machucada.

E a cabeça desligou-se para sonhos impossíveis.

2

Nos intervalos do almoço,
sentados nos andaimes cheios de manchas de cal
ou na beira do rio,
vimos erguer-se de nossas mãos calosas a realização
mais lírica de todos os tempos.

Os nossos fatos estavam manchados de óleo, compa-
nheira,

e as nossas botas carregadas de barro.

Mas que interessava o óleo, companheira, e o barro,
se os teus olhos estavam imensamente rasgados para
horizontes desconhecidos

como duas estrêlas projectadas na noite?

Depois veio a traição dos aeroplanos e das máquinas
inimagináveis,
a traição dos corpos agarrados à carne machucada,
a traição da cabeça partindo para sonhos impossíveis.
E ficou só o óleo e o barro,
as manchas de cal e o rio abandonado...
e as nossas lágrimas impossíveis de estancar.

3

Um velho sábio de olhos transparentes,
que nos pousava a mão no ombro com ternura,
depois de ver nos livros e nos tubos de ensaio
o destino dos homens,
queimou os livros todos e afogou-se no rio.
E nunca mais ninguém nos pousou a mão no ombro
com a ternura do sábio que se afogou no rio.

4

Uma rapariga loira que vendia laranjas
e enchia as ruas com sua voz tímida de sol,
desapareceu.
E as ruas ficaram para sempre silenciosas.
E as ruas ficaram para sempre sem sol.

5

Multiplicaram-se os meninos nascidos das palhas
e os vultos sombrios das docas sombrias
e as mulheres tristes das ruelas de lâmpada vermelha
e as raparigas de olhos desiludidos
e os velhos que não tiveram mocidade.
A camponesa continua de pé no campo com as saias ao
vento.

Mas já não tem os braços vergados pelas espigas
porque as searas ficaram por ceifar.

Os aeroplanos enevoam o céu.

E as máquinas inimagináveis trabalham, trabalham.

Mas ficou só um campo cheio de corpos inúteis.

Mas ficou só um campo coalhado de mortos.

Ah! Venham.

De todos os campos, de todas as cidades, de todos os
portos, de todos os mares.

Venham.

Vamos dizer que não!

MÁRIO DIONÍSIO

L I T E R A T U R A

A VIDA É O DIA DE HOJE
poemas por ALBERTO SERPA
edições presença, 1939

A. Serpa aparece-nos animado duma personalidade que se não adapta à vida; reconhece, pelas revelações da sua experiência, que a realidade ambiente apresenta uma configuração diferente, hostil e destruidora dos planos que a sua fantasia concebeu e viveu. Já em *Descrição* (1935) o poeta exclamara:

*Vida!
És feita de brinquedos partidos e jogos já jogados!
Porque não deixas ser o circo igual em tôdas as idades?*

O mundo de Serpa não se integra, não se realiza na vida que se ergue implacável, envolvendo o homem, tolhendo-lhe os movimentos, opondo-se a que siga, livre, os caminhos interiormente apontados.

Deixem-me os braços livres e a alma solta,

é uma súplica de Serpa em *A vida é o dia de hoje* — súplica de quem deseja não vêr-se manietado, mas nada mais pode fazer senão pedir; o esbracejar e o lutar seriam vão e o seu temperamento não o chama para as atitudes impetuosas e as palavras agitadas porque ama a tranqüilidade e a mansidão e as busca; parece que a tranqüilidade duma rua «sem comércio nem gritos» se gravou na alma nascente do poeta cujo destino é sofrer, como vítima, resignadamente, as dores da incompatibilidade interior com a vida, mergulhado na tristeza inevitável, fatal; a alegria não é permitida ao homem:

*A alegria é uma água corrente e límpida,
E a vida não nos deu uma taça...*

A dádiva da vida é o sofrimento e a tristeza «e só bebemos as lágrimas que nos caem dos olhos...» Serpa bebe as lágrimas serenamente e a sua poesia é feita, em parte, das suas próprias lágrimas; transmite-nos as dores individuais e as recusas impiedosas da vida que tornam inúteis «orações fervorosas» de Mãe implorando «amparos» para os «passos» do filho, «claridades» para os seus «caminhos», «fontes» para as suas «sêdes», «vergeis» para as suas «fomes», «pedras com musgo sêco» para o seu «descanso»; rogos que não foram ouvidos: o que veio do mundo para o poeta foi simplesmente o contrário; um mundo que se fecha e não permite a satisfação dos desejos humanos não se pode abraçar; seria preferível não se sentir rodeado por êle, seria bem melhor ter-lhe fugido ou fugir-lhe:

Mãe, porque não me levaram os ciganos?

A ânsia de fuga, de evasão, é uma das notas da poesia de Serpa que surge já em *Descrição* — «Esta música triste desprende-me do mundo» —, que se revela mais nitidamente em *20 poemas da noite*, que permanece em *A vida é o dia de hoje* e o chama para uma *Viagem sentimental*, um dos mais belos poemas do livro presente: viagem irreal dum vagabundo sonhador e sem destino, inútil e desprendido dos homens, — «como um colegial em férias, olhando em volta, as mãos nos bolsos».

Serpa ouve também o apêlo da noite; ela aparece-lhe

como irmã, serena e triste, e atrai-o com a sua serenidade e a sua tristeza; a quietação, o silêncio, o mistério, a solidão, a tristeza da noite são «braços longos» que prendem Serpa; êle entrega-se porque ela encobre a face aflitiva da vida e se abre vasta para os movimentos livres do sonho; a noite é um refúgio e no convívio fraterno com a noite a alma do poeta se adoça e alarga, torna-se mais humana e começa a abrir-se para os passos da mulher perdida e para as vozes magoadas daqueles que a vida fere. A noite continua em *A Vida é o dia de hoje* a dar poemas a Serpa:

Há sempre mais um poema triste para sair da noite.

Mas a visão da «vida inevitável de todos os dias, triste», não se apaga dos olhos de Serpa; o amor humano o conduz à vida:

*Chamaste a minha vida para a vida
E eu comecei a amar tristemente os instantes anónimos
Em que ela guarda a sua ignota e verdadeira grandeza.*

Serpa vê agora a vida feita de instantes, alguns dos quais ama tristemente e que lhe são dados, note-se, pelo mundo das coisas; é o vento que lhe dá uma carícia:

*Eu não quero saber a origem deste vento manso:
Sabe a uma carícia da vida na minha face...*

Instantes brandos, ténues, duma delicadeza imponderável, que lhe oferecem um *Momento quasi musical*; são as sensações de alguns instantes do mundo sensível que acariciam Serpa; mas instantes tão rápidos, tão fugidios que se não retêm no presente, que se perdem logo velozmente no passado; por isso «as mais reais presenças são saudades, nascentes...».

A própria vida do homem é efémera, some-se:

*A nossa vida esquece e vai
Como uma fôlha dessas que o vento leva... — para onde?...*

Serpa preocupa-se com o para lá da vida, interroga-se sobre o seu destino, sobre uma incerta sobrevivência; a idéia de que o homem se desfará e perderá para sempre inquieta-o; não se conforma e necessariamente procura a crença em Deus e na eternidade, e se, em *Descrição*, o seu «medo» lhe dizia «a existência provável de Deus», em *A vida é o dia de hoje* o amor humano, que poderá apresentar aproximações com o amor divino, «o milagre» do primeiro filho revelando-lhe o «mistério da criação», levam-no para Deus.

Sei que Êle existe, está em tôda a parte e eu n'Êle...

Serpa sente-se mergulhado não no efémero, mas no que julga eterno e a sua poesia apresenta um aspecto novo: o religioso; as dores próprias têm agora um bálsamo, uma pacificação; a voz de Serpa entoa uma oração de graças:

Graças pelo pão que matou minha fome

E, menos preocupado consigo, Serpa abre os olhos para o mundo e vê o sofrimento, a fome, o ódio, a intolerância, a guerra, uma humanidade torturada; e pelos «homens oprimidos ou escorraçados», o poeta ergue para Deus uma súplica cheia de veemência e de angústia; só Deus pode salvar o mundo, os homens são impotentes e «continuam a odiar-se

por um pão ou um império»; a sua voz é tão actual e tão humana que a sentimos funda a ressoar em nós:

*As terras revolvidas pelas granadas querem dar flores,
O vento quer levar canções de amor e não gazes mortíferos.
Cala os clarins, os motores dos aviões, as bôcas cheias
de palavras de ódio,
Encaminha para os pobres o oiro destinado aos engenhos
de guerra.*

JOÃO COSTA

MAR VIVO poemas de JOÃO CAMPOS, edições presença.

Desenvolve-se actualmente no panorama literário português um intenso movimento de novos nomes, que logo aos primeiros livros se afirmam como autênticos valores e que representam, no seu conjunto, mais uma etapa da literatura portuguesa contemporânea. Se muitos surgem como portadores de uma nova manha estética, gritando mais pela convicção do seu entusiasmo do que pelos ensinamentos da experiência — o que é apanágio da mocidade verdadeira de todos os tempos — as novas directrizes da arte, outros surgem seguindo ainda na linha de continuação dos nossos escritores modernistas, embora não conseguindo fugir ao condicionalismo humano e social da sua mocidade.

«Mar Vivo» é um livro de poemas que nos impõe mais um que chega com documentos suficientes para afirmar a sua personalidade de artista. «Mar Vivo» é um livro das «Edições Presença», mas não é esse pormenor formal que nos leva a afirmar que João Campos é um poeta presencista, mas sim antes o ambiente poético dos seus poemas, a sua posição estética, e sobretudo certa atitude humana e cultural, comum e específica nos artistas «presencistas», que também encontramos no poeta que tão auspiciosamente agora se estreou. Sob o ponto de vista estético, o movimento presencista foi muito mais fecundo do que parece à primeira vista, e quem não fôr cego de sectarismo depressa chegará a compreender porquê. A *Presença* foi durante muito tempo a única fôlha de arte e crítica viva e de tendência existente em Portugal; a cultura estética dos nossos jovens artistas foi feita sob o signo da *Presença*, era nela que residiam os seus «ídeos» — a admiração na adolescência vive paredes meias com a idolatria. João Campos, por exemplo, ao citar o nome dos seus poetas predilectos no limiar do seu livro, não fez mais do que confirmar esta minha opinião, já várias vezes expressa. Na sua lista de simpatia surgem os nomes mais representativos da poesia presencista: Régio, Casais, Torga, Serpa e os poetas brasileiros que foram revelados a Portugal pela *Presença*, e que, de certa maneira, representam no Brasil, o mesmo espírito da geração presencista: Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Ribeiro do Couto. Mas o que é interessante é que, sendo João Campos um poeta do presencismo, vai buscar o seu mais íntimo parentesco a um poeta do «Orpheu», ao grande Fernando Pessoa. Falta a João Campos a extraordinária riqueza de Pessoa, a sua múltipla complexidade e o seu poder intelectual desconcertante, mas a forma sensível da poesia de João Campos, a sua sensibilidade intelectualizada, o seu delírio imaginativo, o tom altamente retórico da sua poesia cheia de metáforas, na sua aparência prosaicas mas possuidoras de um oculto e estranho poder poético, tornam-no o mais próximo parente de Fernando Pessoa. (Quem quiser documentar este nosso paralelismo basta comparar os dois primeiros poemas do «Mar Vivo» com a «Ode Marítima»).

Até na forma de certos poemas de vago sabor tradicionalista (Balada do Oceano Atlântico, Descobrimientos), isto é, nos poemas em que há uma tentativa de forma nova a

É este o pedido com que termina e que tem sido e é um desejo dos homens melhores:

*E faze, Senhor, nascer um verso no coração de cada homem,
Um verso que chame o verso do coração mais distante,
Para surgir um poema tam forte e tam sentido
Que a humanidade inteira o diga com os lábios selados
e os olhos no céu!*

certos motivos da História Nacional ou ao heroísmo português de sabor essencialmente histórico, sente-se a presença do Fernando Pessoa da «Mensagem» e até do Miguel Torga dos «Poemas Ibéricos», que por sua vez se assemelham formalmente. Há em João Campos ainda, como em Fernando Pessoa, muita atitude literária, muita construção imaginativa, muito sonho, isto é: muito fingir, como disse Fernando Pessoa acerca de si mesmo. A sinceridade de João Campos é, de certa maneira, como a de Pessoa: fingir-se sincero. Quere dizer: a sinceridade de João Campos não é a espontânea declaração, através da expressão poética, da sua humanidade — dôres, alegrias, etc. — mas sim, antes, o imaginar sinceramente dôres, alegrias, sofrimentos, contradições, alheios à sua realidade humana. Assim, João Campos logo no seu primeiro poema, que dá o nome ao seu livro, revela-nos um destino muito diferente do seu; o mesmo faz Fernando Pessoa, embora com mais complexidade e poder, na sua célebre «Ode Marítima». O desejar ser marinheiro, mais ainda, o afirmar: «Sou de todos os mares, de todos os profundos oceanos do mundo», é sinceridade fingida, é expressão eloqüente da sua poesia retórica. O afirmar-se mar é antes o não afirmar-se terra, e terra aqui quere dizer sofrimento, dôr, alegria, amor, Vida, realidade, Humanidade. João Campos quere o destino movediço e romântico dos marinheiros, porque é no balanço do mar que a sua natureza sonhadora, essencialmente imaginativa, se sente como peixe na água. João Campos não enriquece a sua personalidade fazendo-a aderir à fixidez do meio em que vive, mas antes julga fazê-lo levando-a a passear, embora superficialmente, sobre tantas coisas que só conhece por imaginação. No segundo poema do seu livro, o seu desejo de viajar torna-se ainda mais flagrante, resvalando então levianamente para a frivolidade; viajar é: «Essa coisa tão simples que acontece aos homens de negócio, às mulheres internacionais, a certos escritores académicos, aos bispos e aos seus criados de bordo!». Já não é portanto o heroísmo do marinheiro, nem a vida aventureira do mar, mas o partir em qualquer contingência, mesmo que seja nos destinos frívolos, contanto que o partir o liberte da tirania da terra.

Eis porque o mar é a fôrça dos poemas de João Campos: nêle vive o seu desejo de liberdade, uma liberdade essencialmente individualista e anárquica, que não conhece nem deveres nem obrigações; um destino sem rumo e sem amarras que se mostra em tôda a sua ousadia no seu «Cântico para uma manhã de Partida», onde se espelha poderosamente a síntese da sua personalidade poética.

A poesia de João Campos é essencialmente imaginativa, ausente de moral, de dramas, de limites. Os temas poéticos de João Campos são emoções de certos momentos que êle intelectualiza. A sua imaginação chega, por vezes, para criar mais do que ambiente e metáforas; cria personagens, como em «A canção de uma Noite de Lua», onde paira António Nobre, ou ainda no seu belo poema: «Passa o poeta de Júlio», onde vive a admirável figura central dos desenhos de Júlio.

João Campos tem consciência da sua fuga, o seu poema «Humanidade» é no fundo um acto de ambição que termina assim:

Tudo... menos não estar convôsko.

E há momentos em que êsse homem que vive em delírio,

em fantasia, desejando a liberdade anárquica dos mares, sente profundamente tóda a agonia da nossa hora histórica e canta-a num dos seus melhores poemas: «Música Negra». É que a angústia do nosso mundo é tão imperiosa que contagia mesmo aquêles que mais desejam ficar indiferentes, tanto mais alguém que possua verdadeira sensibilidade poética.

Para terminar esta nota crítica, quero apenas acrescentar que, ao estabelecer o paralelismo Fernando Pessoa-João Cam-

pos, não quis afirmar simplesmente a influência de Pessoa sobre o novo poeta, mas antes dizer que a mais original personalidade do modernismo português encontrou alguém da sua família, não por mera influência cultural mas por parentesco natural e sanguíneo. A influência cultural que existe é filha da aproximação temperamental. João Campos foi suficiente poeta e artista, logo no seu primeiro livro, para vencer qualquer influência que pudesse pôr em dúvida a sua personalidade.

ANTÓNIO RAMOS DE ALMEIDA

T E A T R O

A NOITE PORTUGUESA levada a efeito no Laboratório de Fonética Experimental da Faculdade de Letras

Em Coimbra apareceu, no ano que findou, o «Teatro dos Estudantes». Estreou-se uma noite no *Avenida* com a «Farsa de Inez Pereira» e mais uns trechos de Gil Vicente: no dia seguinte estava consagrado.

É difícil vencer com bom teatro. Os estudantes de Coimbra venceram; porquê?

Diz-se que Portugal não tem teatro. Isto decorou-se já, de tanto se ver escrito. Fala-se de «crise», perguntam-se opiniões, fazem-se inquéritos, culpam-se as «revistas», erguem-se coros de clamores contra os empresários — velhos bodes expiatórios no meio de tudo — e verifica-se que a crise continua. Isto, quando é o público que se queixa.

Quando chega a vez das lamúrias à gente que vive do teatro, vem logo a nota já ressabida: «que o público não acompanha os esforços de quem lhe quer dar teatro bom; que o público só quer revistas e as pobres traduções do espanhol», etc.

Ora é, na verdade, inegável a falta de cultura teatral no nosso público. Só me parece que o remédio está no esforço inteligente e sério de educar, em vez de lhe lisongear os maus gostos com peças de baixo quilate.

Foi o que fez o «Teatro dos Estudantes», superiormente orientado pelo Dr. Paulo Quintela.

O primeiro passo acertado foi a escolha das obras de cena. Representando Gil Vicente, integrou-se na tradição e no ambiente do teatro nacional e preparou o público para uma evolução bem orientada que o levará dentro de pouco tempo a receber completamente o bom teatro nacional da actualidade.

Acresce que as sucessivas apresentações do grupo dos estudantes em Lisboa e no Pôrto vêm criar-lhe uma esfera de influência bem maior do que aquela que a sua natureza de grupo escolar, à primeira vista, fazia presumir.

O Dr. Paulo Quintela conseguiu dar ao seu grupo um tal sentido de interpretação justa, uma tão notável exactidão ao representar as cenas clássicas de Mestre Gil, que, se por um lado lhe revelam o espírito invulgar de artista, por outro vincam melhor a sua grande figura de Professor. Na velha sala da Universidade em que realiza os ensaios, faz as suas melhores lições de literatura.

Deve notar-se que os intérpretes — rapazes e raparigas com uma cultura superior, que não se surpreendem em frente dos autores já seus conhecidos — saídos do viveiro melhor e

mais próprio que é a Universidade, auxiliam e tornam possível a harmonia do conjunto e o nível elevado da execução. Isto, sem contar as aptidões naturais que se revelaram esplêndidas em alguns componentes do grupo. Saliento Deniz Jacinto, Eduardo Mansinho e Décio d'Antas no seu papel de «Diabo» em «Todo o Mundo e Ninguém».

Por último, o público restrito a que inicialmente se dirigiu era também o que estava mais preparado para receber a lição integral do teatro.

No Laboratório de Fonética Experimental da Faculdade de Letras, o Dr. Armando de Lacerda armou um teatro acanhado, mas suficiente para as suas pequenas representações escolares. Organizou com entusiasmo um grupo de estudantes com quem ensaiou os coros falados e duas cenas da *Belkiss* de Eugénio de Castro e, de colaboração com o Dr. Paulo Quintela, realizou em março findo a esplêndida «Noite Portuguesa», recebida com entusiasmo pelo melhor público de Coimbra.

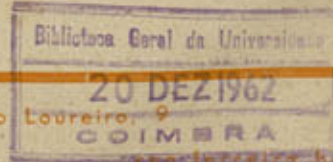
Logo de início, o «Teatro dos Estudantes» touxe-nos a novidade dos coros falados. Deshabituada, a assistência ressentiu-se. A principio desorientou-se e, só depois da segunda canção medieval «Pois as nossas mães vam a S. Simon», colhida pela viveza justa do ritmo entrou francamente na compreensão do processo. Tanto que ouviu já com gosto as «Ondas do mar de Vigo».

Da sua primeira apresentação no Avenida, o «Teatro dos Estudantes» repetiu «Todo o Mundo e Ninguém» e o episódio do «Lavrador», Barca do Purgatório, do auto de Gil Vicente. A perfeição da interpretação não surpreendeu porque era já conhecida; a substituição de algumas figuras não prejudicou o equilíbrio do grupo, bem pelo contrário.

O grupo cénico dirigido pelo Dr. Armando de Lacerda deu-nos os coros falados: «Maria do Mar» de Afonso Lopes Vieira e «Adamastor» dos Lusíadas. Este último que pretendia puxar ao efeito não conseguiu bem o seu fim; notaram-se mesmo algumas hesitações num dos naipes — barítonos se bem me recorde —. Estou convencido de que na sua apresentação em Lisboa, mais seguros já, os estudantes fizeram valer a qualidade do trecho e as suas possibilidades de execução.

Por último apresentou as cenas VI e IX da *Belkiss* de Eugénio de Castro. D. Maria Cesarina teve uma actuação correcta. Décio d'Antas não agüentou o plano do seu desempenho em «Todo o Mundo e Ninguém»; José Camboa fez demasiado recitativo. Assim mesmo, *Belkiss* agradou a tóda a gente e até mesmo ao seu autor que assistiu à representação.

C. F.



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua do Loureiro, 9

comp. e imp. na tip. do plântido

coimbra

rua Terralva Berges, 103 e 111

número avulso 1\$50 — assinatura: 3 números 4\$00

